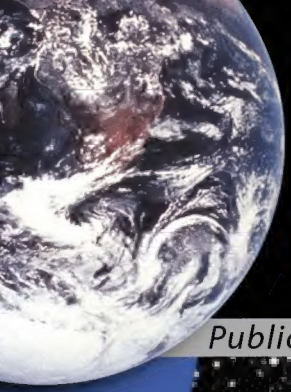


FOLHA
Criacionista

Publicação da Sociedade Criacionista Brasileira. Ano 15 – Nº 34 – 1º semestre/1986

O HOMEM DE NEANDERTAL

IDEIAS MODERNAS SOBRE A EVOLUÇÃO

Sociedade Criacionista Brasileira

Nossa capa

Muito se tem dito e escrito a respeito de "buracos negros".

Em 23 de abril de 1983, no número 17 do volume 123 de "Science News", Dietrick E. Thomsen apresentou interessante resenha destacando que "um ponto de vista em alteração altera o paradigma". Na realidade, o caso dos buracos negros ali explicado constitui apenas um exemplo, conforme afirma o autor da resenha, de que "às vezes, na ciência, a maneira pela qual se observa um fenômeno depende daquilo que se deseja dele concluir".

Paradigma é o termo técnico para o quadro completo de um fenômeno ou grupo de fenômenos inter-relacionados, introduzido na análise filosófica dos processos de pensamento científico pelo filósofo da ciência Thomas S. Kuhn. Kuhn interessou-se pelas maneiras pelas quais têm lugar as revoluções científicas, como por exemplo, o afastamento da visão ptolomaica do Sistema Solar em direção à visão copernicista, que constitui uma alteração de paradigma.

No caso dos buracos negros, a alteração de paradigma que hoje se observa constitui uma marcha-a-ré histórica. Consiste ela, realmente, no deslocamento de um ponto de vista einsteiniano, com o seu espaço-tempo quadridimensional e seu relógio de tempo variável, para um ponto de vista quase-newtoniano de um espaço tridimensional e um tempo universal que escoa da mesma forma em todos os lugares.

Consequentemente, neste "novo" paradigma, passam os buracos negros a obedecer às leis básicas da Física, que na perspectiva einsteiniana eram espetacularmente violadas.

Não estaria na hora, também, de uma mudança de paradigma no âmbito da controvérsia Evolução versus Criação? Na perspectiva evolucionista são também espetacularmente violadas certas leis básicas, como o Segundo Princípio de Termodinâmica e a impossibilidade da geração espontânea.

O paradigma criacionista mostra-se muito mais adequado, mesmo que sua aceitação implique também uma humilde marcha-a-ré.

Em nossa capa apresenta-se um diagrama ilustrativo de formação de um buraco negro – nele tudo desaparece, exceto as propriedades básicas de massa, impulso angular e carga elétrica, a partir das quais se estabelece o novo paradigma.

FOLHA CRIACIONISTA Nº 34

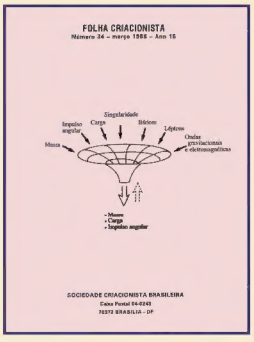
Primeira edição: Impressa na StiloGrafic Artes Gráficas da OSEC - S. Paulo – SP.
Março de 1986 - 500 exemplares

Editores Responsáveis: Ruy Carlos de Camargo Vieira
Rui Corrêa Vieira
Pedro Henrique Corrêa Vieira

Desenhos: Francisco Batista de Mello

Segunda edição: Edição eletrônica pela SCB
1º semestre de 2017

Editores Responsáveis: Ruy Carlos de Camargo Vieira
Rui Corrêa Vieira



Endereço da Sociedade Criacionista Brasileira em 2017, ano da reedição deste número da Folha Criacionista:

Telefone: (61)3468-3892
e-mail: scb@scb.org.br
Sites: www.criacionismo.org.br e
www.revistacriacionista.org.br

Editorial

NOTA EDITORIAL ACRESCENTADA À REEDIÇÃO DESTE NÚMERO DA FOLHA CRIACIONISTA

A reedição deste número e dos demais números dos periódicos da Sociedade Criacionista Brasileira faz parte de um projeto que visa facilitar aos interessados o acesso à literatura referente à controvérsia entre o Criacionismo e o Evolucionismo.

Ao se terminar a série de reedições dos números dos periódicos da SCB e com a manutenção do acervo todo em forma informatizada, ficará fácil também o acesso a artigos versando sobre os mesmos assuntos específicos, dentro da estrutura do Compêndio "Ciência e Religião" que está sendo preparado pela SCB para publicação em futuro próximo.

Os Editores responsáveis da Folha Criacionista

Ruy Carlos de Camargo Vieira e Rui Corrêa Vieira

Brasília, Janeiro de 2017

A Sociedade Criacionista Brasileira tem a satisfação de trazer à luz o número 34 da Folha Criacionista, correspondente ao primeiro semestre de 1986, iniciando seu décimo quinto ano de vida.

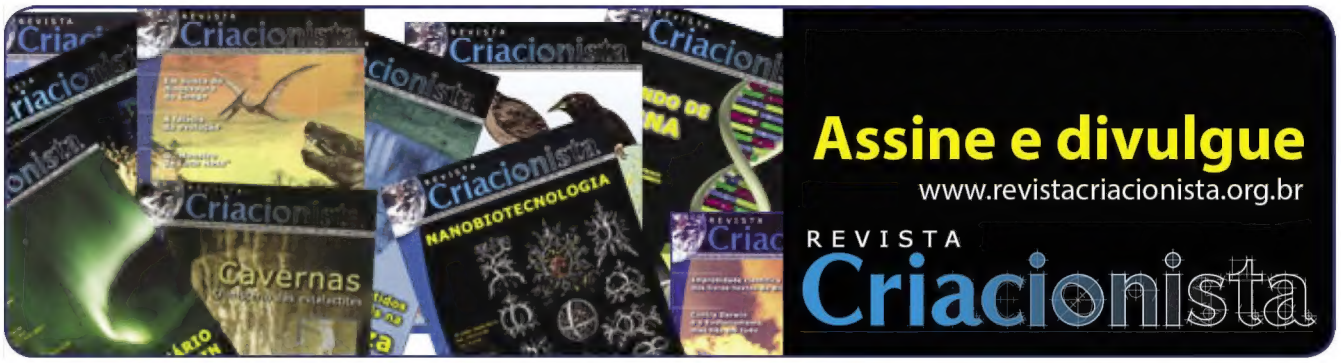
Como já exposto em números anteriores, está-se tentando recuperar o atraso nas publicações, pelo que só neste segundo semestre de 1987 é que se está publicando o número 34. Já está também em fase adiantada a elaboração do número 35, de tal forma que, com toda a probabilidade, no início de 1988 poderão ser publicados os números 36 e 37, correspondentes ao ano de 1987, esperando-se que até o fim de 1988 se consiga recuperar todo o atraso hoje existente na publicação da Folha Criacionista.

É digno de nota, mais uma vez, o apoio que está sendo dado pela Organização Santamarense de Educação e Cultura para a impressão da Folha Criacionista nesta sua nova fase.

A breve implantação de um Núcleo de Pesquisas Bíblicas na Organização Santamarense de Educação e Cultura permitirá um maior inter-relacionamento com a Sociedade Criacionista Brasileira, e o desenvolvimento de atividades conjuntas nesse importante setor do conhecimento humano, particularmente tendo em vista assuntos ligados à controvérsia evolução versus criação.

A Sociedade Criacionista Brasileira agradece a todos os que, na Organização Santamarense de Educação e Cultura (atualmente Universidade de Santo Amaro), proporcionaram a elaboração e a publicação deste número da Folha Criacionista.

Os Editores



Sumário

05 - IDEIAS MODERNAS SOBRE A EVOLUÇÃO - CAPÍTULO VII
William Dawson

09 - O HOMEM NEANDERTALENSE
Erich A. Von Fange
Creation Research Society Quarterly - Dezembro 1981

Notícias

34 - O HOMEM DAS NEVES É REAL

YETI, O ABOMINÁVEL HOMEM DAS NEVES

Frequentemente este ser costuma ser relacionado a outra criatura que possivelmente pode existir, o do *bigfoot* (pé-grande ou *sasquatch*), outra criatura misteriosa, que viveria nos Estados Unidos ou no Canadá.

O registo visual mais famoso até hoje ocorreu com o explorador Anthony Wooldridge em 1986.

O Yeti tem cerca de 2 metros de altura, assim como seu parente, *bigfoot* e outras criaturas citadas em várias civilizações, por exemplo o mapinguari na Amazônia, o *Skunk Ape* na Flórida e o *Orang Pendek* na Indonésia, todos com existência não devidamente confirmada.

Imagem de um provável Yeti, nos Pirineus, Espanha

FOLHA Criacionista

Publicação periódica da Sociedade Criacionista Brasileira (SCB)

Telefone: (61)3468-3892

Sites: www.scb.org.br e www.revistacriacionista.org.br

E-mail: scb@scb.org.br

Edição Eletrônica da SCB

Editores:
Ruy Carlos de Camargo Vieira
Rui Corrêa Vieira

Projeto gráfico:
Eduardo Olszewski
Michelson Borges

Adaptação e atualização do projeto gráfico:
Renovacio Criação

Diagramação e tratamento de imagens:
Roosevelt S. de Castro

Ilustrações:
Victor Hugo Araujo de Castro

Os artigos publicados nesta revista não refletem necessariamente o pensamento oficial da Sociedade Criacionista Brasileira. A reprodução total ou parcial dos textos publicados na Folha Criacionista poderá ser feita apenas com a autorização expressa da Sociedade Criacionista Brasileira, que detém permissão de tradução das sociedades congêneres, e direitos autorais das matérias de autoria de seus editores.

Sociedade Criacionista Brasileira

Folha Criacionista / Sociedade Criacionista Brasileira
v. 15, n. 34 (Março, 1986) – Brasília
A Sociedade, 1972-.
Semestral
ISSN impresso 1518-3696
ISSN online 2525-393X
1. Gênese. 2. Origem. 3. Criação
EAN Nº 977-1518-36900-2

IDEIAS MODERNAS SOBRE A EVOLUÇÃO

CAPÍTULO VII

Evolução Teísta

Esta, em seu significado mais elevado, não pode ser nada menos do que o desenvolvimento do plano divino na construção do Universo, e como isso implica a ação de um poder infinito por detrás da natureza, sob a égide de uma mente onisciente, ela provê uma explicação última dos fenômenos, plena e satisfatória, deixando à consideração somente os métodos do desenvolvimento efetuado no decorrer do tempo sob as causas secundárias que possam ter sido estabelecidas por Deus.

Contudo, tal evolução teísta é defendida de muitas formas diferentes e com muitos graus de ligação com a teoria darwinista e outras. Poderia ser escolhido aqui, como um de seus mais recentes e capazes expoentes, o Professor Joseph Le Conte, da Califórnia, reputado geólogo e pensador que pretende combinar as várias escolas evolucionistas divergentes, sejam darwinistas ou lamarckistas, e reconciliá-las todas com as crenças teístas. (1) Suas provas a favor da evolução como uma lei de desenvolvimento contínuo de objetos e seres vivos, uns dos outros, não são diferentes da que já temos criticado, e não se baseiam tanto em sua ciência própria quanto nas supostas analogias entre o desenvolvimento do indivíduo e das espécies, na Biologia. Em vez de tratar dessas analogias preferiremos destacar o que há de especial e peculiar em seu ponto de vista a respeito da questão.

Sua definição de evolução é algo diferente da de Spencer, e dos darwinistas clássicos. Evolução, diz ele, consiste de:

1. mudança progressiva contínua,
2. mediante um procedimento de acordo com certas leis,
3. e realizada por meio de forças residentes, isto é, forças naturais ou inerentes ao objeto e seu ambiente.

Essas forças, contudo, são forças que emanam primariamente de um poder divino.

No primeiro desses itens, infelizmente, ele parece envolver-se na confusão dos evolucionistas em geral, ao afirmar que, com relação aos seres orgânicos, há três espécies de desenvolvimento progressivo. A primeira é o desenvolvimento do indivíduo, a partir de um simples germe unicelular. A segunda é aquele desenvolvimento implicado na gradação de similaridade dos animais adultos e das plantas,

(1) Evolução e sua relação com o Pensamento Religioso, 1889.

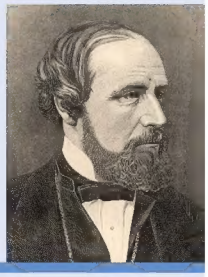
ORIGEM DAS ESPÉCIES

Com este capítulo do livro de Sir William Dawson, abordando a evolução ateísta, a Folha Criacionista completa sete dos dez capítulos do livro que se propôs traduzir.

Pode-se observar que o autor não defende os pontos de vista de um criacionismo puro, mas que também não se deixa levar por uma série de inferências resultantes do esforço de tentar conciliar duas posições antagônicas – o criacionismo e o evolucionismo – mesmo em se tratando de um evolucionista "teísta".

É bastante oportuna a consulta aos artigos intitulados "Um exame da evolução teísta" publicado no número 24 e "Definindo adequadamente a evolução" publicado no número 33 da Folha Criacionista, para o leitor melhor se posicionar a respeito desse importante assunto.

Evidentemente a Folha Criacionista não endossa todos os pontos de vista de Sir William Dawson, mas julga de grande interesse o conhecimento de seus escritos sobre a controvérsia evolução versus criação, pela época histórica em que foram publicados, e por se tratar de um cientista de renome, cristão convicto, que sofreu de forma mais direta o impacto da nova doutrina que então passava a ser aceita indiscriminadamente nos círculos científicos.



Sir J. William Dawson

Natural da Nova Escócia, Canadá, Dawson terminou seus estudos na Universidade de Edimburgo em 1842, e retornou ao Canadá acompanhado de Sir Charles Lyell na primera visita dele ao continente americano. De 1855 a 1893 foi professor de Geología e reitor da Universidade McGill. Foi o primeiro presidente da Real Sociedade do Canadá e também presidente da "British Association for the Advancement of Science" e da "American Association for the Advancement of Science".

desde os mais simples aos mais complexos. A terceira é o desenvolvimento no decorrer do tempo geológico, dos seres mais antigos até os seres modernos.

Parece que é tido como certo que todas essas três espécies de desenvolvimento constituem instâncias semelhantes da mudança progressiva de um ser em outro. Ao admitir isso, de fato, como já vimos, estaremos concordando *a priori* com tudo o que se deveria exigir que os evolucionistas comprovassem. Quanto a isso, Le Conte segue os métodos usuais de Spencer e Darwin.

No segundo daqueles itens destaca ele três leis que acredita serem comuns às três espécies de desenvolvimento mencionadas:

(a) A lei da diferenciação, a mesma lei de Spencer do progresso do homogêneo ao heterogêneo, que é característica do desenvolvimento em geral, embora sob diferentes caminhos e graus.

(b) A segunda lei, que constitui realmente uma exceção parcial à primeira, e é denominada de lei do progresso do todo, significando que, embora haja progresso no todo, um grande número de linhas de desenvolvimento não se manifesta, mas fica estacionário ou retrocede. Essa lei, deve-se observar, é uma das que enfatizam a diferença entre o desenvolvimento natural do embrião e as coisas com as quais se supõe ser ele análogo; de fato, exceto em raros casos de desenvolvimento retrógrado, isso não ocorre no desenvolvimento do indivíduo, embora seja frequente no desenvolvimento geológico, de forma a parecer regra e não exceção.

(c) A terceira lei aplica-se somente à terceira das grandes espécies de desenvolvimento, e destaca uma das suas características distintivas. Trata-se da culminação rápida dos grandes tipos de vida, com sua subsequente decadência. O diagrama apresentado pelo autor para mostrar isso é uma curiosa ilustração visual da falácia da doutrina da evolução gradual e contínua, em sua aplicação aos tempos geológicos. Representa, por assim dizer, ondas sucessivas de desenvolvimento que, como já explicado, são bastante manifestas na história geológica, e muito instrutivas ao mostrar o complexo e intermitente progresso dos seres orgânicos no tempo geológico [(2)].

Com referência ao terceiro daqueles itens, que declara serem residentes as forças que ocasionam a evolução, seu significado parece ser que tais forças em algum sentido são naturais ou inerentes ao ser que se acha em processo de modificação, ou aos objetos que o circundam e agem sobre ele. Em certo sentido – isto é, se incluirmos a atuação divina – isso corresponde a meramente aceitar a operação das propriedades das coisas, sem a preocupação de explicar sua origem. Em outro sentido isso pode ser encarado pelos darwinistas monísticos e agnósticos como submissão de toda essa posição à sua ideia de desenvolvimento espontâneo e não causal. E isso Le Conte não pretende fazer.

Em tudo isso temos, com algumas variações importantes, uma reafirmação dos princípios comuns da evolução, sem qualquer análise adequada das partes constituintes das diversas supostas espécies do processo. Pouco admira que, com essas premissas, Le Conte chegue à conclusão de que a evolução é uma legítima indução dos fatos da Biologia, e que é "absolutamente certa". Somos informados, entretanto, que essa evolução absolutamente certa não é aquela de qualquer uma das escolas de pensamento ora em conflito, mas sim a evolução "como uma lei de derivação de formas a partir de outras formas prévias, como uma lei de continuidade, como uma lei universal de tornar-se a ser. Nesse sentido ela não somente é certa mas axiomática. Basta concebê-la claramente para ver que ela é uma verdade necessária".

Independentemente de qualquer validade que possa existir nessa afirmação sobre o caso, ela se aproxima da hipótese de Spencer de que todas as coisas são autocriadas, tanto quanto seja possível ao teísmo. Ela praticamente corresponde a dizer que, como os ovos, tanto quanto saibamos, são produzidos pelas aves e as aves pelos ovos, desde tempos imemoriais, é uma verdade axiomática que todas as coisas têm sido assim produzidas umas das outras. Torna-se, portanto, evidente que Le Conte, não obstante sua precaução pré-

(2) Tal ponto de vista de fato é muito diferente da teoria da evolução gradual e lenta defendida pelos darwinistas.

via, chega a ponto de colocar-se à mercê dos agnósticos, que podem afirmar que a contínua evolução das coisas umas das outras, mediante "forças residentes", não exige intervenção alguma de um poder criador.

Apesar de tudo isso, Le Conte é um firme crente em Deus. Nos capítulos finais de seu livro encontram-se alguns valiosos pensamentos sobre a relação entre Deus e a natureza, ao mesmo tempo que deriva a natureza superior do homem, não de baixo, mas do alto. Ele deixa claro que as forças da natureza são, em síntese, somente manifestações da energia divina onipresente. Percebe, também, o que tão poucos parecem compreender, que essa energia divina opera em diferentes planos da vida, limitando-se, por assim dizer, pelas condições prescritas de cada um, embora possa ascender, como por uma série de degraus, desde suas manifestações mais baixas na matéria inerte e nas simples formas de vida, até ao próprio homem, no qual a imagem e a semelhança de Deus ainda estão limitadas pelas suas relações com o ambiente terrestre e com sua moldura material. Essa grande ideia de Deus manifesto na natureza, embora mais completamente, ou menos, nos seus diferentes graus de vida, constitui a verdadeira base da doutrina do desenvolvimento teísta. Isso ficando entendido, os métodos pelos quais esses diferentes planos de vida se dispuseram uns sobre os outros, aperfeiçoando-se, seja pela ação complexa de um grande número de causas secundárias coordenadas, seja por atos mais simples de poder espiritual, tornam-se interessantes assuntos de pesquisa, tanto pela ciência quanto pela filosofia, embora muito provavelmente jamais possam vir a ser completamente compreendidos por seres finitos. O próprio homem ocupa meramente um plano ou grau no sistema, e podem existir muitos graus elevados e mais inteligentes acima dele. Ele pode esperar conhecer algo dos planos que estão abaixo de si mesmo, porém não dos que lhe estão acima, a não ser mediante revelação ou mera especulação, e mesmo sua compreensão dos planos abaixo, quando comparada com a do próprio Criador, manifesta-se rude e imperfeita.

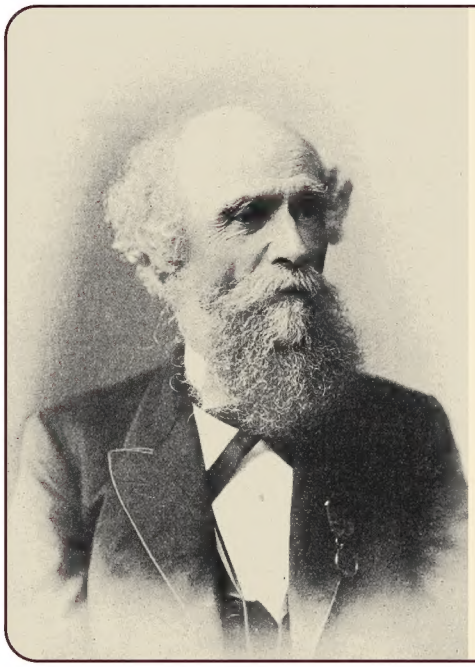
Segue-se, portanto, que se considerarmos a natureza como uma manifestação de Deus, não devemos esperar reduzir suas muitas linhas de progresso e avanço a uma simples causa ou modo. Os métodos de ação do poder divino são, do nosso ponto de vista, infinitos em variedades, e mesmo que possamos vislumbrar suas leis e as causas secundárias utilizadas, poderemos conhecê-la somente em parte, e sabemos o suficiente para nos certificarmos que na origem e no desenvolvimento mesmo da mais simples forma de vida elas podem ser imensamente mais multiformes e complexas do que as utilizadas nas mais complicadas combinações de maquinismo ou processos nas obras humanas. Newton sentiu-se como uma criança brincando nas praias de um ilimitado oceano, e na presença de qualquer ser organizado nada mais somos do que crianças embevecidas com os movimentos misteriosos de algum maquinismo intrincado, cujo pensamento a respeito de sua origem, operação e utilidade pode revestir-se do caráter mais infantil. Entretanto, uma grande vantagem que temos como teístas é podermos ser sustidos pela mão de um Pai que conhece todos os segredos dessa fantástica tessitura que tanto nos deixa perplexos, e pode nos explicar, pouco a pouco, tanto quanto dela nos possa ser útil conhecermos. Desta forma, mesmo que muito nos enganemos em nossas primeiras impressões, podemos esperar chegar a alguma medida da verdade, podendo encontrar auxílio para as dificuldades causadas por nossas próprias imperfeições e pela pressão de nosso ambiente, na fé depositada no nosso amoroso e onisciente Pai espiritual.

Le Conte resume esse ponto de vista sobre o assunto em um pequeno capítulo que claramente explicita a compatibilidade do mundo espiritual e da revelação, não com quaisquer das teorias da evolução usuais, mas com a lei natural, com a suposição de energia divina em operação em diferentes planos de vida, e essa relação entre o natural e o espiritual permanece igualmente boa, seja se supusermos Deus tendo precedido Sua grande obra pelo método do desenvolvimento direto, seja, como parece mais provável, por muitos métodos mais ou menos diversos.

Se o homem de fato é algo mais do que uma espécie mais elevada de animal, se o espírito do homem é de fato uma centelha de energia divina individualizada até o ponto da autoconsciência

*e do reconhecimento de sua relação com Deus, se o embrião-espírito em desenvolvimento no seio da natureza através de todo o tempo geológico veio à luz com a vida-espírito independente do homem, e assim unicamente o homem é um **filho de Deus** tanto quanto um produto da natureza – se tudo isso é verdade, então é evidente que essa relação inteiramente **nova** exige também um modo inteiramente diferente de operação divina. Se Deus opera na natureza somente mediante processos regulares que chamamos de **leis naturais**, então Ele **deve** operar sobre o espírito de uma maneira diferente e mais direta, a que chamamos de **revelação**. Se, para o estudante da natureza não é concebível que Ele deva operar na natureza a não ser pelas leis naturais (pois esse é o nome que damos para o Seu modo de operação aí escolhido), então para os estudantes de teologia não é igualmente concebível, se for verdadeira nossa opinião humana, que Ele não deva operar sobre o espírito de alguma forma mais direta e elevada, isto é, pela revelação.*

*Porém alguém poderá perguntar se isso não é uma violação palpável da lei. Penso que não. Todas as operações divinas estão, e devem estar, de conformidade com a razão, isto é, de conformidade com a lei. A operação do divino no espírito humano, isto é, a revelação, deve, portanto, estar de conformidade com a lei, mas com uma lei mais elevada do que a que governa a natureza, e portanto, **do ponto de vista da natureza**, sobrenatural. Não há nada inteiramente singular nisso. A vida é uma forma de força mais elevada do que as forças físicas e químicas. Os fenômenos vitais são, portanto, super físicos, e se restringirmos o termo "natureza" à natureza inerte, esses fenômenos seriam sobrenaturais. Assim, os atos livres, auto determinados, do espírito sobre o espírito, mesmo do espírito do homem sobre o espírito do homem, e ainda mais do Espírito de Deus sobre o espírito do homem, podem estar de conformidade com a lei, embora sob o ponto de vista natural sejam sobrenaturais. É verdade que nos fenômenos complexos da vida humana o material e o espiritual estão inextricavelmente entrelaçados, e a Ciência deve tentar sempre reduzi-los tanto quanto possível a leis materiais, pois é esse seu domínio, e ela deve exercê-lo, porém, se nossa opinião humana for verdadeira, restará sempre um imenso remanescente de fenômenos – um mundo inteiro de fenômenos – que jamais será dominado, por estar claramente além de seu domínio. Permanecendo no plano material inferior, esses fenômenos são totalmente super materiais e, portanto, incompreensíveis do ponto de vista material. Devemos levantar-nos e colocar-nos em um plano superior para que eles também sejam reduzidos à lei, uma lei superior à que opera no plano inferior. Se, portanto, a Ciência insiste em banir o sobrenatural do âmbito da natureza, a Teologia pode razoavelmente insistir em sua necessidade, **nesse sentido**, no âmbito da moral e da religião.*



PROFESSOR JOSEPH LE CONTE

Nascido em 1823, de ascendência huguenote, formou-se em Medicina e posteriormente estudou História Natural em Harvard com Louis Agassiz, com quem participou de várias excursões geológicas nos Estados Unidos. As citações de seus trabalhos feitas por Sir William Dawson atestam sua fama como autoridade nas áreas da História Natural.

ANCESTRALIDADE HUMANA

"Durante um século ou mais, e a despeito de algumas vozes que se têm levantado contra, o Homem Neandertalense tem sido promovido à posição de um elo perdido animalesco, o que tem sido usado como apoio à teoria da evolução. Mais recentemente tornou-se evidente que o Homem Neandertalense era um verdadeiro ser humano, não muito distinto do homem moderno. Tal fato é geralmente admitido, embora às vezes com relutância".

Erich A. Von Fange

Erich A. von Fange é Ph.D. e reside em 460 Pine Brae Drive, Ann Arbor, Michigan 48105, U.S.A.

O HOMEM NEANDERTALENSE

I. Os Achados

O Homem Neandertalense é definido pelo "The American Heritage Dictionary of the English Language" (1969) como "uma espécie ou raça extinta de homem, ***Homo neanderthalensis***, que viveu no Velho Mundo durante o período Pleistoceno, ao qual se associam ferramentas do Médio Paleolítico". A ilustração apresentada no dicionário é a famosa reconstrução feita por M. Boule (1908), mostrando uma criatura infra-humana [1].

Joachim Neander (1650-1680), famoso compositor de hinos da Igreja Alemã Reformada, sem o saber emprestou seu nome ao Homem de Neandertal. Um século antes de seu nascimento, o sobrenome de sua família foi alterado, de conformidade com a moda da época, de Neumann (*neu* = novo, *Mann* = homem, em Alemão) para a forma helenizada Neander (*neos* = novo, *ander*, *andros* = homem, em Grego). *Thal* significa "vale". Neanderthal ou Neandertal, é uma ravina que se encontra perto da vila de Hochdal, entre Dusseldorf e Elberfeld, na Prússia, região do Reno. Por essa garganta calcária corre o rio Dussel. O grande amor que Neander tinha pela natureza frequentemente o impelia à ravina, onde consta ter composto vários de seus hinos. Após certo tempo aquele vale passou a ser conhecido pelo seu nome – o "vale de Neander" (*Neanderthal*). Quase dois séculos após a sua morte, operários que trabalhavam em cantaria no vale, descobriram o esqueleto do chamado "homem de Neanderthal", que havia sido soterrado ali em uma gruta [2].

A descoberta foi feita em um leito quaternário, na Gruta de Feldhofen. Embora muito tenha sido perdido com a falta de técnica da tentativa de recuperação, os ossos remanescentes incluíam uma calota craniana, dois fêmures, dois úmeros e outros fragmentos. O achado encontra-se preservado na Coleção Fuhlrott, em Elberfeld. Johann Karl Fuhlrott, professor da localidade, recuperou os ossos em agosto de 1856, e o crânio de Neandertal foi pela primeira vez trazido ao exame de uma junta científica pelo Prof. D. Schaafhausen, em relatório que apresentou em 4 de fevereiro de 1857 a uma reunião da Sociedade de Medicina e História Natural do Baixo Reno, em Bonn. Em sua cuidadosa descrição dos achados de Neandertal, concluiu ele que, a despeito de algumas interessantes características, o homem de Neandertal deveria ser considerado um ser humano normal [3].

A descoberta de outros dois crânios de forma quase idêntica, feita trinta anos após, em Spy, na Bélgica, ajudou a ressaltar seu caráter típico. No decorrer do tempo, outros restos de espéci-

mes neandertalenses foram sendo descobertos na China, África Central e Setentrional, Iraque, Checoslováquia, Hungria, Grécia, e no noroeste europeu. Uma descoberta anterior feita em Gibraltar (1848) foi também reconhecida mais tarde como um espécime neandertalense [4].

Em 1908 foi encontrado outro espécime neandertalense enterrado próximo da vila de Le Moustier, no sudoeste da França. Este é o mesmo local que deu o seu nome às ferramentas associadas aos neandertalenses. Nesse mesmo ano foram encontrados restos frequentemente denominados de "esqueleto neandertalense clássico", nas proximidades da vila de La-Chapelle-aux-Saints" [5].

Várias técnicas e suposições foram utilizadas para enquadrar o homem neandertalense em alguma escala cronológica. Pearce situou os primeiros indícios do neandertalense há 150.000 anos [*]. Outras fontes fazem estimativas distintas, embora todas concordem entre si, de maneira geral. Pensava-se que sua extinção tivesse ocorrido há 80.000 anos, conforme Weckler (1957), há 50.000 anos, conforme Hurley (1959), 45.000 anos, conforme Brodrich (1964), há 40.000 anos, se aceitarmos Pearce (1969), ou 35.000 anos, conforme Claiborne (1974). Não deixa de ser uma coincidência a idade do homem neandertalense diminuir cerca de 5.000 anos em cada intervalo de cinco anos. Estaria Kluckhohn (1944) avançado com relação à sua época ao datar a extinção dos neandertalenses há somente 25.000 anos? Ainda mais, asseverava ele que tipos de homem moderno "haviam gradualmente os exterminado, possivelmente até certa medida absorvendo-os", "Extermínio gradual" e "absorção até certa medida" constituem interessantes conceitos. Claiborne defendia ter sido o neandertalense a única variedade de homem sobre a Terra durante milhares de anos [6].

A gruta de Shanidar [**] no Iraque constitui um sítio neandertalense muito importante, e também um bom exemplo de como são elaborados os processos de datação científica. Os restos mais antigos encontrados na gruta são de homens neandertalenses. Foram encontrados sete adultos e uma criança em depósitos de cerca de cinco metros de espessura. Diz-se que essa camada tenha se depositado ao longo de um período de cerca de 100.000 anos, o que foi determinado com medidas de Carbono-14. Por exemplo, uma amostra do segundo estrato correspondeu a uma leitura de cerca de 12.000 anos. A camada C chegou à cerca de 29.000 anos. Na parte mais profunda da camada C atingiu-se a idade de 34.000 anos. Reconheceu-se que o método do Carbono-14 poderia tornar-se muito impreciso ao continuar mais além. A parte inferior do estrato C foi estimada então em cerca de 44.000 anos. O crânio da criança, situado ainda mais abaixo no depósito, foi estimado em cerca de 70.000 anos. A conclusão foi de que a Gruta de Shanidar era habitada pelo homem neandertalense há cerca de 60.000 anos [7].

Com relação ao comentário acima, a respeito dos problemas de datação com o Carbono-14 existentes para idades acima de certo limite, Hyerley observou que surgem tais problemas em torno de 20.000 anos. Afirma ele que, sem trabalho especial de desenvolvimento (sem dar explicação a respeito), geralmente não é praticável medir idades acima de aproximadamente 20.000 anos, porque então a radioatividade do Carbono se torna tão pequena que dificilmente se obtêm medidas precisas sem interferência da radioatividade de fundo [8].

Brace ilustra o caminho tortuoso da datação de restos do passado, seguido ainda em nossos dias. O leitor deve tentar julgar onde cessa a ciência e inicia a mistificação. Falando com toda seriedade a respeito dos neandertaloides (criaturas supostamente a meio caminho entre os neandertalenses e o homem moderno) encontrados em Krapina, na Croácia (Iugoslávia), declara Brace: "Inicialmente eles foram considerados como sendo do terceiro período interglacial, porém trabalhos estratigráficos recentes identificaram-nos com um período interestádio (melhoramento) dentro da glaciação Wurm, tornando sua idade aproximadamente equivalente aos neandertaloides de Skuhl" [9]. Tem-se que admitir que é difícil argumentar contra uma afirmação semelhante a essa.

(*) As datas convencionais são usadas no decorrer deste artigo geralmente sem comentário. A posição do autor com relação a essas datas ficará mais explícita em seguida, no próprio artigo.

(**) Ver Folha Criacionista, número 11, páginas 66 a 69.

II. O Triunfo Da Evolução

Nos primeiros anos que se seguiram ao surgimento da doutrina de Darwin, seus seguidores estavam determinados a apoiá-la mediante evidências de formas humanas mais antigas e mais primitivas. Os que se opunham ao princípio da evolução estavam igualmente determinados a refutar quaisquer evidências nesse sentido.

O aparecimento de um espécime neandertalense deu a ambos os lados a oportunidade que aguardavam. Podiam a partir de então deslocar a discussão do domínio relativamente estático e insensível dos animais inferiores, para o palco da própria humanidade. A controvérsia sobre a verdadeira natureza do crânio encontrado ecoou através das páginas das revistas científicas e dos fóruns de debates científicos durante muitos anos.

Os que apoiavam Darwin alegavam que os restos representavam uma espécie normal (porém simiesca). Os que se opunham a Darwin alegavam que os restos pertenciam a um ser humano doentio.

Marcellin Boule, do Museu Nacional de História Natural de Paris, foi a mais destacada autoridade em fósseis no início deste século, tendo viajado por todo o mundo para estudar novos achados. Seu discípulo predileto foi Teilhard de Chardin [10]. Boule, mais do que ninguém, destacou-se na formação do pensamento científico do século vinte sobre o homem neandertalense. Dedicou muitos anos de estudo ao esqueleto "clássico" neandertalense de La Chapelle-aux-Saints. Entre 1908 e 1913 Boule publicou uma série de artigos aprofundados sobre o homem neandertalense, que culminaram com uma extensa monografia em três volumes [11].

Em seu relatório apresentado à Academia de Ciências da França, em 14 de dezembro de 1908, Boule incluiu as seguintes caracterizações:

- Ele nos impressiona com a sua aparência bestial, ou melhor colocando, pelo conjunto geral de características simiescas (catarríneos sem cauda) ou pitecóides (platirríneos com cauda preensil).
- O grupo neandertalense representa um tipo de ser inferior mais próximo dos símios do que de qualquer outro grupo humano.

Concluiu também que o neandertalense era muito primitivo, do ponto de vista intelectual. No decurso de seu relatório Boule comentou a respeito da postura inclinada do homem de Neandertal e da suposta disposição de certas vértebras da espinha de forma semelhante à dos macacos, e chegou mesmo a sugerir que seus pés poderiam ter sido órgãos preensores como os pés dos gorilas e chimpanzés. Ainda em 1975 o estudo de Boule era citado como uma das principais fontes de informação sobre a natureza do homem neandertalense, o que representa sem dúvida durabilidade incomum em se tratando de um relatório sobre o homem fóssil [12].

Como a reconstrução feita por Boule teve influência tão abrangente em todo o mundo, merecem ser destacados detalhes adicionais. A reconstrução tendia a ser bastante simiesca e mostrava claramente as seguintes características não ressaltadas anteriormente:

- Relativamente aos ossos dos pés, o polegar divergia dos demais dedos, aparentando ser um dedo em oposição. Essa característica presumivelmente forçaria o homem de Neandertal a caminhar sobre a parte externa de seus pés à semelhança dos símios.
- Outro ponto chave eram os joelhos. Boule concluiu que o Neandertal não podia estender suas pernas completamente, o que resultava em um andar inclinado.
- Ainda mais, faltavam na espinha as curvas que permitem ao homem moderno ficar em pé, ereto.
- A cabeça foi impelida para frente a ponto de o homem de Neandertal provavelmente não poder olhar para cima. Ele bem poderia ser descrito como um corcunda entrevado.

Entretanto, a conclusão mais devastadora do estudo concentrou-se na inteligência do homem de La Chapelle-aux-Saints. Observando o prolongado e baixo crânio, Boule vislumbrou severo retardamento mental. Quanto à potência cerebral, Boule classificou o homem de Neandertal como algo intermediário entre os símios e o homem moderno, mas mais próximo dos símios [13].

Como indicado acima, acreditava-se que os neandertalenses da Europa fossem incapazes de

andar eretos devido ao seu *foramen magnum* (o orifício na base do crânio pelo qual passa a medula espinhal) ser voltado para trás [14].

O pé, de acordo com Boule, era um órgão preênsil. As vértebras do pescoço, assemelhavam-se às do chimpanzés, e a pelve era semelhante à dos símios [15].

Do tempo de Boule até o presente, na Antropologia e em outras incontáveis descrições escritas e gráficas, os neandertalenses foram representados com a postura inclinada, com os joelhos obrigando a andar fletido, como postulado por Boule. Nos museus, as amostras de neandertalenses fielmente reproduzem a reconstrução visualizada por Boule [16].

William King, anatomista da *Queen's University*, da Irlanda, introduziu a denominação de ***Homo neanderthalensis***, Inicialmente defendia ele a posição de que o neandertalense fosse humano, porém posteriormente mudou de ideia e passou a defender a posição de que o neandertalense seria genericamente distinto do homem, isto é, seria mais animal do que humano [17].

Em 1913 Gustav Schwalbe publicou uma extensa revisão do trabalho de Boule e adotou formalmente a posição de Boule no sentido de que os neandertalenses tinham sido os ancestrais diretos do homem moderno [18].

Na década de 1920, Elliot Smith, conhecido antropólogo do *London University College*, escreveu a respeito do homem neandertalense, como sendo estranho e repulsivo, cujo nariz não se destacava proeminentemente do rosto, mas se fundia com ele como que formando um focinho. Ainda mais, o homem neandertalense provavelmente possuía uma espessa cobertura de pelos sobre a maior parte de seu corpo. Smith alegava também que a mão do neandertalense não possuía a delicadeza e a cooperação esteticamente equilibrada do polegar com os demais dedos, que é considerada como uma das características humanas mais distintas [19].

No século passado os evolucionistas acreditaram ter boas razões para tentar aparentar os fósseis com os primatas ainda vivos. Um forte apoio para essa atitude proveio da mandíbula neandertalense encontrada em La Naulette, na Bélgica oriental, em 1866. Darwin mencionou o achado para mostrar que essa mandíbula deveria ter possuído enormes e salientes caninos. Após essa descoberta em La Naulette, foram atribuídas ao homem neandertalense muitas características dos gorilas, passando ele a ser descrito com o mais alto grau de hediondez e ferocidade [20].

Na década de 1940, o conhecido historiador britânico Gordon Childe afirmou que de fato alguns "homens" muito primitivos tinham caninos salientes inseridos em mandíbulas bastante robustas, que constituíam armas bastante perigosas, mas que isso havia desaparecido no homem moderno. Embora Childe estivesse se referindo ao homem de Piltdown, sua opinião a respeito do homem neandertalense era semelhante, como se vê na seguinte descrição: "Os neandertalenses constituíram uma curiosa raça na Europa, talvez especificamente distinta do ***Homo sapiens***. Tinham um destacado visor ósseo acima dos olhos, ao invés das saliências superciliares, a fronte era retraída, as mandíbulas enormes e não apresentavam queixo. A cabeça entrosava-se com a coluna vertebral de tal forma a projetar-se para frente. A estrutura das pernas e pés permitia somente um andar lento e pesado." Childe duvidava que pudesse correr sangue neandertalense nas veias dos europeus ou outras raças modernas quaisquer [21].

Na década de 1950 vários cientistas relataram maiores informações sobre o homem neandertalense.

Em 1955 Berrill observou que os neandertalenses eram horrorosos, e que podiam mesmo ter sido recobertos de pelos semelhantes aos do mamute ou do rinoceronte lanudo, que então constituíam sua caça [22].

Em 1957, na revista "Sientific American", Weckler resumiu um século de estudo e especulação sobre o homem neandertalense, e incluíu em sua descrição os elementos conhecidos: o esqueleto era inclinado para frente, o chamado neandertalense clássico tinha crânio alongado e achatado, boca grande e saliente semelhante a um focinho e queixo reentrante, corpo robusto e curto com tórax cilíndrico, pernas recurvadas e pés chatos, sugerindo andar inclinado com joelhos fletidos e passos lentos e pesados [23].

Ainda em 1957, o cientista Le Gros Clark concluiu que o ho-

mem neandertalense possuía uma aparência distintamente simiesca, baseando seu ponto de vista na enorme desenvoltura do sobrecenho, na testa reentrante e na forma plana da calota craniana. Considerando todos os fragmentos neandertalenses, Le Gros Clark concluiu que o homem neandertalense deveria em vida ter tido uma aparência selvagem, com um corpo robusto e pernas desproporcionadas. Evidentemente, andava com uma postura eminentemente inclinada e com passos pesados. Do ponto de vista anatômico, os neandertalenses eram muito mais semelhantes aos símios do que ao *Homo sapiens*. O crânio indicava certas características com aparência primitiva. Neste instante ele colocou o homem neandertalense em uma aberrante linha lateral da evolução [24].

Em 1958 Weiner observou que a simples série evolutiva – homem de Java / homem neandertalense / homem moderno – estabelecida pela primeira vez há cinquenta anos – constituía por si mesma uma poderosa validação das teses de Darwin sobre a evolução humana [25].

Outro comentário feito por Hurley na década de 1950 foi de que "o insucesso do homem neandertalense durou somente cerca de 2000 gerações". Assim ecoavam em suas palavras as conclusões de Le Gros Clark, de que o homem neandertalense havia sido extinto, ao invés de ter servido como ancestral do homem moderno [26].

Em 1966 Pollard observou que o homem neandertalense realmente não seria considerado humano se fosse encontrado hoje, e que seu cérebro era pequeno para nossos padrões [27]. Na mesma década, Louis Leakey, paleoantropólogo mundialmente famoso, sugeriu que qualquer casamento entre os neandertalenses e o homem moderno bem poderia ter produzido descendentes estéreis, como a mula resultante do cruzamento de cavalo com burro [28].

Em 1967 Brace incluiu o homem neandertalense como um dos principais grupos que formariam os estágios evolutivos pelos quais se alega ter passado o homem e seus ancestrais. Sugeriu ele a seguinte sequência como um esquema útil: os mais antigos foram as duas versões de Australopitecíneos nos tempos iniciais do Pleistoceno; em seguida, um conjunto de Pitecantropíneos nos tempos do médio Pleistoceno; surgiu então um grupo fóssil que denominamos neandertalense, no Pleistoceno superior, imediatamente antes do aparecimento do homem moderno [29].

No decorrer da década de 1970, o homem neandertalense permaneceu ainda com frequência no noticiário, e a seguir relatam-se opiniões de pesquisas a seu respeito. Começa a haver um deslocamento da ênfase para as partes moles do corpo. Presumivelmente os ossos dos espécimes encontrados já tivessem sido estudados exaustivamente por essa época.

Em 1971 Kolosimo reafirmou o que já havia sido dito antes: as descobertas dos fragmentos neandertalenses constituíam um triunfo para a teoria de Darwin. Nos primeiros anos do século vinte os estudiosos não mais discutiam se o homem neandertalense era ou não um representante da humanidade primitiva. O único ponto em discussão era onde exatamente ele se inseria na história da evolução. À medida que os achados se sucediam, os cientistas sentiram-se capazes de pintar um quadro amplo da série de transformações, que conforme acreditavam, desde os remotos tempos pré-históricos dirigiam o símio deformado (homem neandertalense) no sentido do aparecimento final do *Homo sapiens* [30].

No período de 1971 a 1975 foi dada considerável ênfase ao estudo das configurações de linguagem do homem neandertalense feito por Philip Lieberman, da Universidade de Connecticut, juntamente com Edmund Crelin, de Yale. Ambos os cientistas, um deles linguista e o outro anatomista, modelaram o aparelho fonador de adultos e crianças contemporâneos, de chimpanzés e de hominídeos fósseis, inclusive do clássico neandertalense de La Chapelle-aux-Saints. A reconstrução feita a partir dos crânios fósseis baseou-se em detalhes anatômicos tais como marcas impressas pelos músculos sobre os ossos, tendo sido utilizado um computador para ajudar a determinar o possível intervalo de sons que poderiam ter sido produzidos pelos diversos tipos de tratos vocais. Concluiu-se que o clássico homem neandertalense não possuía condições para produzir o intervalo completo de sons, particularmente certas vogais, necessários para a fala humana, muito embora outros ho-

minídeos fósseis as possuíssem. Outra conclusão foi a de que os chimpanzés apresentam suficiente capacidade para produzir sons bastantes para o desenvolvimento de uma linguagem útil própria [31]. Um dos pesquisadores afirmou que se o homem neandertalense tentasse falar conosco, sua linguagem provavelmente soaria como uma série de grunhidos e ruídos inarticulados simiescos [32].

Cientistas soviéticos, como o Professor Boris Porshnev e seus colegas Dimitri Bayanov e Igor Bourtsec, criam que o termo "homem neandertalense" constitui uma impropriedade. As criaturas não eram homens, mas sim animais, pois o homem começa onde começa a fala, de conformidade com os seus pontos de vista. Tanto a estrutura corporal, ou morfologia, quanto os artefatos, tendem a mostrar que os neandertalenses (talvez com raras exceções) não possuíam fala nem pensamento abstrato [33]. Tais comentários são feitos em livro publicado em 1975.

Em 1972, Van der Veer teceu comentários a respeito dos restos de cerca de mais de uma centena de neandertalenses que até então haviam sido desenterrados. Ele os considerava como seres primitivos semelhantes ao homem, e julgava ter então datas aproximadas para todos os estágios importantes na linha de descendência do homem. Achava ele surpreendente que ainda fosse de extrema dificuldade a aceitação da doutrina, por parte de algumas pessoas. Sob seu ponto de vista, todas as evidências favoreciam a indicação de ter o homem provindo claramente de uma espécie de símios [34].

Francis Ivanhoe (1971), de Cartwright Gardens, Londres, discutiu um outro aspecto do homem primitivo. Esse homem primitivo teria sido um primata tropical que iniciou sua existência tendo pele escura. O pigmento da pele o protegia de superdoses de vitamina D e correspondentes problemas renais. Ao ter o homem emigrado de sua terra de origem tropical, para a Europa, onde a radiação ultravioleta do Sol tende a ser mais fraca, a pele escura tornou-se uma desvantagem, pois passou a filtrar tanto da radiação produtora de vitamina D que o homem neandertalense pode então passar a sofrer de raquitismo. Evidências a esse favor têm sido observadas na concavidade do crânio neandertal, na curvatura de seus longos ossos e em seu nariz em forma de sela [35].

Van der Veer (1972) afirmou que os homens neandertalenses eram rebentos humanos estéreis que levaram a nada, e que o homem moderno não poderia ter descendido diretamente do homem neandertalense [36].

Em 1973 ficamos sabendo que antropólogos soviéticos, como Yakimov, Bonch, Osmolovsky e Bounak aceitaram a maneira de andar dos neandertalenses da forma como havia sido reconstituída pelos especialistas (isto é, por Boule), mediante a análise de material fóssil. Havia menos impacto nos calcanhares do que no caso do homem moderno, as pernas sendo ligeiramente recurvadas, mesmo na posição em pé [37].

Em junho de 1974 Klein escreveu sobre a subespécie humana anatomicamente primitiva que chamamos de homem neandertalense [38].

Claiborne (1974) observou que os neandertalenses eram claramente distintos do homem moderno. Assemelhavam-se entre si muito mais do que com o homem moderno, da mesma forma como os homens modernos assemelham-se entre si do que com qualquer neandertalense (excetuando-se o caso de achados fragmentários na Palestina). Baseava, ele o seu julgamento no fato de que a fronte dos neandertalenses inclinava-se para trás mais do que a nossa. Suas cavidades oculares apresentavam fortes protuberâncias ósseas. Os queixos eram achatados ou inclinados para trás. Concluía ele dizendo que o homem neandertalense poderia constituir uma espécie diferente, embora não houvesse provas de que realmente o fosse [39].

Brace não viu necessidade de aceitar o ponto de vista de que os neandertalenses e o homem moderno tivessem vivido na mesma época na antiga Palestina. Observou ele que o esqueleto encontrado em Tabun mostrou idade radiocarbono de 41.000 anos, e que o material encontrado em Skuhl era cerca de 5.000 anos mais recente, por projeção. Desta forma, a população de Skuhl, intermediária entre os neandertalenses e o homem moderno, surgiu exatamente na época certa. Esse ponto de vista, de acordo com Brace, elimina toda a necessidade de teorias envolvendo a hibridização de duas

criaturas distintas, com todas as dificuldades correspondentes [40].

Na revista "Smithsonian" nos é dito que um erudito britânico descobriu que os polegares do neandertalenses eram dispostos com pouca articulação que permitisse sua plena utilização, o que implica desenvolvimento ainda menor do que o observado nos seres humanos [41].

A posição dos evolucionistas quanto ao lugar do homem neandertalense na história do homem parecia solidamente firmada, e constituir poderoso argumento contra o Criacionismo. Não constituía surpresa o fato de ter sido usado o homem neandertalense para encerrar muita discussão, pelo menos há três gerações, sobre o desenvolvimento evolutivo do homem.

Um incidente ocorrido em 1957, ilustra perfeitamente em quão poderosa arma havia se tornado o homem neandertalense. Um dos grandes intelectuais do século vinte foi o Dr. Mortimer J. Adler, bastante conhecido pelo seu desenvolvimento dos "Great Books of the Western World". Certa ocasião o Dr. Adler exprimiu o ponto de vista de que a evolução era somente um mito popular para o qual as evidências eram insuficientes e conflitantes. A evolução, de acordo com Adler, é somente uma história conjectural elaborada, que ultrapassa de muito as evidências científicas. Esta espécie de declaração acendeu a ira de Martin Gardner, matemático e autor de "Fads and Fallacies in the Name of Science". Dentre todas as possibilidades que o Dr. Gardner deve ter considerado para responder ao Dr. Adler, é interessante ter ele escolhido somente uma única arma para devastar seu oponente, e foi ela o homem neandertalense. Gardner perguntou: "Onde se colocariam as dúzias de esqueletos bem preservados do homem neandertalense que foram achados – uma criatura com uma fronte baixa semelhante à de símio, cabeça inclinada para frente, sem queixo, e polegares dispostos com pouca articulação para permitir sua plena utilização?" [42]

III. Sinais Perturbadores Da Sofisticação Neandertalense

A partir das características animalescas atribuídas ao homem neandertalense, especialmente no início do século vinte, dificilmente se poderia esperar encontrar quaisquer vestígios culturais associados aos seus ossos. Poder-se-ia aceitar o uso de pedras toscamente lascadas por parte de tais bestas humanas, porém mais de um autor chegou a manifestar sua surpresa ao notar que, de alguma forma, por razões desconhecidas essas criaturas enterravam os seus mortos. Nem mesmo o mais inteligente chimpanzé jamais pensou em fazer tal coisa.

À medida que continuava os estudos de um número cada vez maior de achados neandertalenses provocou-se considerável tensão entre dois conjuntos de crenças incompatíveis entre si. Por um lado sustentava-se que o homem neandertalense era mais animal do que humano. Por outro lado, estava se tornando cada vez mais óbvio que essa criatura semi-humana praticava atos culturais bastante sofisticados. Algo deveria resultar dessa situação.

Constable credita aos neandertalenses certa sofisticação. Sugere ele que os neandertalenses adentraram por algumas terras bastante áridas, utilizando vasilhas, não de cerâmica nem cabaças, mas de cascas de ovos de avestruz, que têm sido encontradas juntamente com utensílios Mousterianos. Pelos padrões convencionais, os chamados utensílios Mousterianos constituíam a marca registrada dos neandertalenses. Como exemplo de região árida é citada a ensolarada região do Negev, em Israel. Essa região, entretanto, está próxima da planície existente em torno de Sodoma e Gomorra, que nos tempos históricos era tida como bem regada, como o jardim do Éden. Realmente há algo bastante improvável nessa cronologia do neandertalense [43].

Poirier observou que certos artefatos associados aos restos neandertalenses sugerem certa sofisticação no trabalho com peles e couros, bem como com esfolamento de animais. A estimulante descoberta de esferas de pedra sugere sua provável utilização como fundas para a caça. Deve ser dito, entretanto, que tais pedras esféricas não têm sido encontradas em grupo como nos locais antigos da África Oriental.

É curioso que essas bolas tenham também sido encontradas entre os gaúchos e nativos da região do Rio Grande do Sul, na América do Sul. Estranhamente, também os esquimós faziam hábil uso desse engenhoso artefato.

Constable pretende sugerir a conjectura de que os gaúchos da Argentina que usam as bolas para apanhar o gado têm sua contrapartida no homem neandertalense que usava o mesmo artefato. Sua boleadeira consistia de tiras de couro amarrando as pedras, e seu alvo eram as zebras.

O homem neandertalense pode ter descoberto o laço, usado como armadilha ou talvez lançado. Outro indício de sofisticação é mostrado pela descoberta de um funeral neandertalense no fundo de uma caverna, na Itália. O crânio foi encontrado com um nítido orifício circular nele perfurado [44].

Um interessante vínculo entre o passado e o presente foi descoberto juntamente com alguns restos neandertalenses. Foram removidos do crânio os incisivos médios, de forma deliberada. Costume semelhante encontra-se ainda hoje entre algumas tribos africanas, aborígines australianos e outros povos [45]. Embora isso dificilmente possa caracterizar uma ação verdadeiramente sofisticada, muito menos tal ação é característica do mundo animal.

Cultos e ritos dedicados ao urso são praticados ainda hoje por povos caçadores, desde a Lapônia até o norte da Sibéria e regiões árticas do Novo Mundo. Tribos siberianas ainda hoje adoram o urso como o primeiro homem em seus mitos, e procedem a complexos rituais perante o animal antes de matá-lo. Em outras regiões os ursos são considerados como intermediários entre o homem e os espíritos dominadores da terra. Os ainos no norte do Japão capturam filhotes de ursos e tratam-nos como um distinto hóspede durante grande parte do ano, sacrificando-os então no inverno. Nessa ocasião os homens bebem o seu sangue e o xamã ora a favor de boa caça para o próximo ano.

Existem muitas evidências de que os neandertalenses estavam profundamente envolvidos com os cultos e ritos dedicados aos ursos. Uma caverna na Áustria continha os restos de um incrível número de cerca de 30.000 ursos lá levados pelos neandertalenses.

Supõe-se que rituais mágicos de caça efetuados pelos neandertalenses estivessem centralizados no culto ao urso. Na gruta de Drachenloch, a 2.400 metros de altitude, cientistas descobriram uma urna cúbica de pedra, coberta por uma placa de pedra, dentro da qual estavam os crânios de sete ursos, todos arranjados com o focinho na direção da entrada da gruta. Mais fundo na gruta acharam-se mais seis crânios montados em nichos, nas paredes laterais.

Em Regoudu, no Sul da França, um poço retangular estava coberto por uma placa de pedra pesando cerca de uma tonelada. O poço continha os ossos de mais de vinte ursos, incluindo o hoje extinto urso das cavernas, de porte maior do que o urso pardo [46].

Perto de Mixnitz, na Áustria, cinquenta e quatro fêmures de ursos estavam dispostos na mesma direção em uma caverna. Em outra caverna foram encontrados quarenta e dois crânios de ursos. Nos Pirineus, na Gruta de Montespan, foi descoberto um modelo de urso sem cabeça. O crânio de um urso verdadeiro estava entre as patas do modelo, podendo talvez ter caído do próprio modelo [47].

A preocupação existente hoje em dia na Rússia e em outros países, com ursos amestrados bem pode remontar àquelas práticas rituais ligadas ao urso. Brodrich acha difícil imaginar que as mesmas crenças envolvendo ursos pudessem permanecer no decorrer de milênios. Entretanto, se a cronologia antiga estiver eivada de erros grosseiros, deveria ser explorada essa interessante possibilidade [48].

Algum significado religioso deveria estar envolvido junto aos neandertalenses em um notável funeral realizado em uma gruta da Baviera. As cabeças cortadas dos mortos haviam sido colocadas em dois nichos cavados na terra, seis em um deles e vinte e sete no outro, todas usando ricos ornamentos de conchas e dentes de antílopes. Os crânios estavam salpicados de ocre e todos dispostos com a face no sentido do sol poente. Considerando os resíduos calcinados encontrados nas imediações, supôs-se que os corpos haviam sido cremados. O exato simbolismo envolvido nessa prática é desconhecido [49]. Pode-se somente conjecturar a respeito dos ritos realizados nessas cavernas.

Os corpos foram frequentemente dispostos de forma peculiar para o sepultamento, o que demonstra significado religioso. Uma estranha espécie de simbolismo teve lugar no sepultamento de uma criança neandertalense na França. O crânio e o esqueleto

foram enterrados em uma valeta, mas separados entre si cerca de um metro. O crânio foi coberto por uma placa triangular de calcário cuja face inferior apresentava grande número de impressões com formato de taças. Foi feita a suposição de que essas marcas com formato de taças constituíam um mistério bastante mais moderno, ainda insolúvel. Em 1909 foram encontrados em La Ferrasie, na França, nove curiosas sepulturas circulares neandertalenses, recobertas com uma cúpula de argila, e dispostas misteriosamente em colunas de três, ordenadamente [50].

Certa agitação foi produzida na década de 1960 quando os restos de um neandertalense foram encontrados na Gruta de Shanidar, na vertente iraquiana dos Montes Zagros. O homem com cerca de 1,70m de altura, tinha sido enterrado em um caixão com flores silvestres. O achado foi datado como tendo cerca de 60.000 anos. A partir do pólen, as flores foram identificadas como jacintos, malvas-rosa, margaridas rasteiras e outras espécies [51].

De acordo com um antropólogo da Universidade de Colúmbia, o homem neandertalense parece ter sabido que certas plantas possuíam propriedades medicinais. Acredita-se que aquele sepultamento tenha ocorrido há cerca de 60.000 anos. Os cientistas descobriram que o corpo havia sido sepultado sobre ramos de arbustos que continham efedrina, um estimulante nervoso. Ainda mais, dentre as flores silvestres colocadas ao redor do corpo, sabe-se que seis delas têm propriedades medicinais [52].

Foi-se tornando claro, pelo menos para alguns estudiosos, que o homem neandertalense apresentava algumas características bastante não-neandertalenses.

IV. O Escândalo Do Cérebro Neandertalense

Quem ler os relatos referentes ao homem fóssil observará a grande importância dada ao tamanho do cérebro, com o propósito de demonstrar os estágios evolutivos desde o pequeno cérebro dos símios até o grande cérebro do homem moderno. O assunto da enorme variabilidade existente dentro de uma espécie é cuidadosamente evitado em tais relatos.

Le Gros Clark destacou uma característica especial na evolução dos primatas (símios e homem), qual seja a contínua expansão e elaboração (complexidade crescente) do cérebro. Afirma ele que houve um aumento gradual no tamanho do cérebro desde os tempos do Eoceno, inclusive em outros grupos de mamíferos [53].

O tamanho do cérebro do homem neandertalense constitui um perfeito exemplo objetivo de como os fatos se introduzem no caminho da teoria. O resultado inesperado, porém, em uma época científica, é que os fatos são ignorados ou ficam comprometidos. É agradável verificar a ocorrência de exceções.

A capacidade média do cérebro do homem moderno é estimada em cerca de 1450 a 1500 centímetros cúbicos [54]. Infelizmente para a teoria evolucionista, o homem neandertalense tinha uma capacidade cerebral média de cerca de 1600 centímetros cúbicos [55].

Constitui uma desonestidade científica apresentar ilustrações de uma série de crânios para mostrar a crescente capacidade cerebral do homem [56]. Alguns dos assim chamados ancestrais do homem moderno possuíam em média um cérebro maior que o do homem moderno! [57]. Não deixa de ser embaraçoso defender que o homem neandertalense tenha desenvolvido capacidade cerebral maior do que necessitava para o estilo de vida "sub-humano" a ele atribuído.

Boule recorreu à frenologia. Estudo detalhado de um molde feito do interior da calota craniana de um homem neandertalense levou-o à convicção de que seu cérebro era inferior em organização ao do homem moderno, particularmente com relação aos lobos frontais [58].

Brace adotou uma abordagem mais curiosa para o problema. Primeiro, como outros já haviam feito anteriormente, afirmou ele que os neandertalenses possuem calotas cranianas com as mesmas dimensões das do homem moderno. Como já observado, isso deixa de constituir uma afirmação precisa. Se a situação tivesse sido a oposta, isto é, se o homem moderno tivesse o tamanho de seu cérebro em média 100 a 150 centímetros cúbicos a mais do que o homem neandertalense, isso seria apontado como evidência convincente da mudança evolutiva. Brace atacou em seguida o leitor que poderia perguntar por que o tamanho do cérebro aparentemente teria decrescido. De acordo com ele, o

leitor teria falhado em compreender que deveríamos pensar na sobrevivência do apto, em vez de na sobrevivência do mais apto. Tão logo o cérebro tivesse atingido um tamanho adequado para a sobrevivência, não mais haveria razão para se tornar maior ainda. Em face de tal explicação, seria surpreendente descobrir um **aumento** da capacidade craniana durante os últimos 100.000 anos. Em síntese, esse parece ser um caminho bem inteligente para evitar a questão de por que o cérebro humano parece ter diminuído de tamanho [59].

É muito interessante ver como um grande número de estudiosos luta contra um fato indesejável, não palatável.

Rollard (1966) embaralhou o assunto (E o leitor?). Juntando os ancestrais do homem moderno em uma classificação neandertalense, afirmou ele que sua capacidade cerebral era reduzida em vista de nossos padrões [60].

A "World Book Encyclopaedia" (1966) constitui um exemplo típico das muitas fontes que estão passando a aceitar que o cérebro dos neandertalenses era tão grande quanto o dos homens modernos. O autor não se poderia permitir afirmar que o tamanho do cérebro do neandertalense em média era maior do que o do homem moderno [61].

Colbert é um dos muitos autores que têm escrito sobre a evolução do homem. Afirmou ele que o homem avançou no sentido da evolução da máxima potência cerebral. É difícil defender o fato de o cérebro humano ter-se tornado menor para permitir seu avanço no sentido da máxima potência, mas na realidade é isso que Colbert está afirmando [62].

Em "Man's Emerging Mind" Berril parece confuso quanto ao que passou a afirmar. De acordo com ele, o cérebro do neandertalense poderia não ter sido pior do que o do homem moderno, seja qual for o significado dessa afirmação. Em seguida, ele atribui aos neandertalenses cérebro tão grande quanto o dos seres humanos [63].

Desesperadamente, Berril sugeriu que o córtex do homem moderno pode hoje ser duas vezes maior do que o do homem da média idade glacial, e maior do que os dos neandertalenses. Nenhuma evidência é apresentada nesse sentido pelo autor [64].

Poirier é corajosamente honesto, porém tentou defender uma teoria a despeito da infelicidade dos fatos. Observou ele que o registro fóssil indica uma tendência evidente para o aumento do tamanho do cérebro, embora não de forma permanente. Destaca então que essa tendência não é consistente, pois houve uma redução real de cerca de 300 cc entre a época dos neandertalenses e o homem moderno [65].

Eisely afirma que os evolucionistas mostraram tendência de ver inferioridade biológica nas formas humanas mais antigas que o homem moderno. Mesmo quando os crânios eram idênticos ao do homem moderno, argumentava-se que deveriam conter menos massa cinzenta e mais tecido intersticial. Virchow lutava contra essa noção há quase um século. Evidências palpáveis foram rejeitadas por não satisfazerem hipóteses aceitas. Por exemplo, sepulturas clara e obviamente neandertalenses foram rejeitadas como tais porque arguía-se que o homem neandertalense não era mentalmente capaz de proceder daquela forma. Nada que indicasse inteligência poderia ser aceito [66].

Foi o tamanho avantajado do cérebro dos neandertalenses que proveu a Le Gros Clark evidências adicionais que ele procurava, no sentido de não estar o homem neandertalense na linha direta da evolução do homem moderno. Ele admite que o porte desse cérebro, maior do que o tamanho médio do cérebro do homem moderno, torna difícil inseri-lo no esquema da evolução do cérebro do *Homo sapiens*. Não obstante, observa ainda que a forma geral do cérebro mostrava certas características de aparência primitiva. A despeito de seu tamanho, não atingia ele a qualidade do cérebro do homem moderno [67].

Em 1976, Hawkes foi capaz de reconhecer o tamanho real do cérebro dos neandertalenses, embora não sem alguns comentários paralelos impertinentes. Apesar do neandertalense apresentar ainda sobrolhos salientes e calota craniana baixa, seu crânio tinha grande volume, permitindo um tamanho de cérebro usualmente acima da média moderna [68].

Dentro dos textos usuais, Lasker constitui uma exceção ao observar corretamente que o cérebro dos neandertalenses era em média maior do que o do homem moderno. Embora o tamanho do cérebro tivesse sido ressaltado quando isso convinha à

teoria, Lasker adverte que não se pode supor que o homem neandertalense fosse mais inteligente do que o homem moderno [69].

Embora o resumo acima não tenha a intenção de abranger todos os pontos de vista a respeito do cérebro do homem neandertalense, os exemplos que foram citados são instrutivos. É óbvio que um fato incômodo não apresenta nenhum problema para o estudioso que não deseja reconhecer sua existência.

É animador encontrar uma exceção a essa regra descabida, numa declaração de Stephen Molnar, Editor Associado do "American Journal of Physical Anthropology". Afirmou ele que nas populações modernas existe um intervalo tão amplo de variação que o extremo inferior do intervalo encontra-se bem abaixo da capacidade craniana de certos hominídeos fósseis. Apesar disso, não há quaisquer evidências de que esses indivíduos sejam menos inteligentes do que pessoas outras com maiores calotas cranianas. Conclui ele que comparações de capacidades cranianas feitas entre grupos modernos constituem um exercício fútil e desprovido de qualquer significado [70].

V. Um Pequeno Caso de Honestidade – Inicia-se a Reabilitação

Em setembro de 1974 o Museu de História Natural da *Smithsonian Institution* inaugurou uma nova mostra que representava uma sepultura neandertalense na França, com cerca de 50.000 anos. A mostra incluía o corpo enfaixado de um morto de sexo masculino, um xaman e duas mulheres.

É muito interessante observar os detalhes da mostra, já que recentemente os neandertalenses foram oficialmente reabilitados ao "status" humano pelos cientistas. Os rostos apresentavam um ar bastante embrutecido. Apesar disso, deve-se confessar que nem os traços fisionômicos nem os penteados atrairiam hoje um segundo olhar. A grande diferença em comparação com as reconstruções anteriores, é o pelo do corpo. O corpo do adulto morto parece quase que destituído de pelos. O xaman ainda se reveste de pelos, de forma generalizada. Uma das mulheres tem pelos nas pernas, mas apesar disso, ambas as mulheres nada ficam a dever a quaisquer manequins de propaganda espalhados pelas grandes cidades de hoje. Embora uma fotografia branco-e-preto possa enganar, parece que nenhuma das quatro pessoas jamais houvesse saído da caverna para a luz do dia. Não se percebia nenhum traço de pele queimada pelo sol, ou submetida a intempéries [71]. Desta forma são dadas as boas vindas para os neandertalenses no seio da raça humana, na década de 1970.

Às vezes os próprios cientistas aconselham outros cientistas a precaverem-se contra reconstruções. Dificilmente poder-se-ia abrir algum livro dedicado ao estudo dos tipos mais antigos do homem sem se confrontar com ilustrações fantasiosas de Pitencantropos, Australopitecos, ou Neandertalenses [72].

Simpson faz uma avaliação bastante reveladora do ruído existente no estudo dos primatas (macacos, símios e homens):

> *"A fascinação peculiar despertada pelos primatas, bem como o seu valor publicitário, quase retiraram essa ordem das mãos de sóbrios zoólogos conservadores e mantiveram (e ainda mantém) a sua taxonomia (ou classificação) em um estado de efervescência. Ainda mais, mesmo os zoólogos especializados em mamíferos que permaneciam inteiramente conservadores ao lidar, por exemplo, com ratos, provavelmente perdem seu senso de perspectiva ao passar a lidar com primatas, de forma que muitos estudos efetuados nessa ordem revestem-se, implícita ou explicitamente, de boa dose de emocionalidade"* [73].

O leitor concordará ser esta uma maneira elegante de dizer que quase tudo que se pode ler sobre a classificação dos macacos, do homem, dos homens-macacos, ou dos macacos-homens, constitui mero ruído, mesmo tendo sido escrito ou citado por cientistas da própria área!

Com relação à reconstrução, dever-se-ia observar que não sabemos se o rosto dos neandertalenses era peludo ou não, ou se sua pele era clara ou escura. É instrutivo pôr lado a lado todas as reconstruções feitas a partir do mesmo material ósseo. A variação é enorme! [74]

Depois de algumas gerações terem visto homens neandertalenses peludos nos livros e nos museus em todo o mundo, Hawkes anuncia em 1976 que não há

razão alguma para se acreditar que os neandertalenses tivessem muito pelo em seu corpo [75].

Por que os especialistas se enganaram a respeito dos neandertalenses? Por que tantas evidências em contrário foram desprezadas? O homem de Neandertal surgiu em um momento crítico em meados do século dezenove. Uma teoria claudicante precisava estabelecer-se, e o Neandertal apresentou-se como o melhor candidato para essa tarefa.

Eisely admite que o ponto de vista de Darwin sobre a aparência do fóssil neandertalense de La Naulette ser semelhante à do gorila teria sido repudiado hoje em dia. Os dentes, descritos como caninos simiescos projetando-se distintamente, estavam faltando quando foi achada a mandíbula [76]. Tudo era mera ficção e correspondia exatamente àquilo em que os evolucionistas desejavam acreditar.

É interessante observar que Thomas Huxley, enérgico defensor da teoria da evolução de Darwin, reconhecia que o crânio neandertalense parecia bastante simiesco, porém "de forma alguma podem os ossos dos neandertalenses ser considerados como restos de um ser humano intermediário entre o homem e o macaco" [77]. Entretanto, foram necessárias gerações até que o ponto de vista correto de Huxley se tornasse respeitável entre os estudiosos.

C. Carter Blake, Secretário Honorário da Sociedade Antropológica de Londres (1862), sustentava que o homem de Neandertal era um pobre idiota, ou um eremita, em nada semelhante a um *Homo sapiens* normal, saudável, sem doença. Foi ele o primeiro a dizer que os restos encontrados eram patológicos.

O anatomista alemão Mayer em 1864, apresentou a mais imaginativa das interpretações "idióticas". Os restos do homem de Neandertal teriam sido afetados de raquitismo, como evidenciado pela patologia do braço esquerdo. Essa doença, por sua vez, fez com que a arcada superciliar ficasse franzida, dando origem aos enormes sobrecenhos. Os ossos do fêmur arcados indicavam que o homem de Neandertal tinha sido montador de cavalo. Para Mayer o crânio era mais parecido com o de um mongol do que com o de um macaco, gorila ou de um aborígene da Nova Zelândia. Concluiu ele, então, infelizmente, que os restos encontrados eram de um cossaco mongol que sofria de raquitismo e tinha morrido na caverna em 1814. Em 1867, o Dr. Barnard Davis afirmou que o crânio do homem de Neandertal não comprovava nada, pois era obviamente um desenvolvimento anormal causado pela ossificação das suturas. Crânios semelhantes de homens modernos, dizia ele, estavam em nossos museus [78].

De acordo com Constable (1973), o famoso anatomista e antropólogo alemão Rudolf Virchow (1821-1902) apresentou em 1872 um artigo bastante fundamentado no qual declarava que o homem encontrado no vale de Neander não era de forma alguma antigo, mas sim um *Homo sapiens* moderno que havia sofrido de raquitismo na infância e de artrite na idade adulta, tendo também recebido vários fortes golpes na cabeça em algum tempo de sua vida. Virchow é tido como o pai da patologia moderna, tendo também contribuído para colocar a Antropologia sobre sólidas bases críticas.

De acordo com Constable, esse pronunciamento provindo de tal respeitada autoridade, efetivamente silenciou toda especulação subsequente. O fóssil deixou de perturbar os cientistas, que simplesmente passaram a esquecê-lo [79]. Como pode Constable fazer tal afirmação é algo que desafia qualquer tipo de explicação racional.

Em uma publicação feita em 1964 Brodrich repreendeu Rudolf Virchow por ser tão obtuso e obstinado a ponto de deixar de reconhecer o grande significado do esqueleto neandertalense original [80].

Ainda em 1967 Brace atacou violentamente Virchow por discordar ele de sua ideia sobre o homem de Neandertal como um passo intermediário no caminho em direção ao homem moderno. Brace assim se manifesta sobre os pontos de vista de Virchow – Foi ele o fundador da antropologia alemã e o criador do campo da patologia celular, tendo sido o mais destacado patologista de seus dias. Após cuidadoso exame, declarou ele que os restos do Neandertal eram patológicos, e procurou explicar tudo a respeito de suas peculiaridades a partir dessa posição. A estrutura do corpo foi considerada como "aberrante" a partir de então, e as autoridades ainda hoje se recusam a aceitar os neandertalenses

como algo diferente do homem moderno. Brace acredita que Virchow estava errado porque outros esqueletos muito semelhantes àquele primeiro homem de Neandertal foram encontrados. Por isso Brace declara que, após um segundo achado, não mais seria possível defender com tanta certeza as supostas características patológicas do indivíduo encontrado em Neandertal. Entretanto, Virchow recusou-se a voltar atrás, e assim as implicações da anormalidade e da peculiaridade tenderam a permanecer. De fato, até hoje, lamenta Brace, elas ainda não foram de todo removidas [81].

Os ossos ainda existem hoje nos museus. Curiosamente Brace não pede que cientistas da área médica reexaminem os ossos para estabelecer a verdade. Simplesmente lamenta que Virchow tenha rechaçado uma teoria tão ardentemente desejada.

Em 1970 Ivanhoe discutiu a possibilidade de raquitismo no homem de Neandertal, em artigo publicado na revista "Nature", e sugeriu que os neandertalenses que viveram no período Wurm inicial provavelmente sofreram de deficiência de vitamina D. Afirmou ele também que todas as crianças neandertalenses que foram objeto de estudos mostraram severo raquitismo. O título do artigo, com um século de atraso, era o seguinte: "Estava Virchow certo a respeito do Neandertal?" [82]. Sim, ele estava certo!

Como as monografias de Boule e sua reconstrução do homem de Neandertal tornaram-se aceitas em todo o mundo pelo menos por duas gerações de cientistas, convém apreciar mais de perto o seu trabalho. Boule dedicou-se a provar a grande antiguidade do homem, e para isso baseou-se em três fósseis: o homem de Grimaldi, o homem de Piltdown e o homem de Neandertal. Embora neste artigo esteja em discussão somente o homem de Neandertal, pode-se mencionar de passagem que uma recente análise do sítio arqueológico de Grimaldi, na Itália, de acordo com Constable, indicou que o fóssil é realmente de idade recente, posterior aos neandertalenses. O segundo baluarte caiu por terra ao ter sido exposto o crânio do homem de Piltdown como uma fraudulenta combinação de pedaços de crânios de homem e de chimpanzé. A verdade completa sobre a situação, entretanto, não se torna aparente senão quando se verifica o que fez Boule com o homem neandertalense. Recentemente o esqueleto sobre o qual havia ele baseado seu trabalho foi descrito nos seguintes termos:

"Em 1908 foi encontrado em La Chapelle-aux-Saints, na França, o esqueleto imprensado de um neandertalense deformado pela osteoartrite, e com muitos sinais de senilidade avançada. Incapaz de caçar, e tendo somente dois dentes remanescentes, inferiram os cientistas que esse homem deveria ter sido cuidado por seus companheiros". A partir desse material Boule preparou seu famoso modelo do "homem neandertalense típico" [83].

Em 1939 Blanc e Sergi confirmaram que o homem neandertalense mantinha a posição ereta, como o homem moderno [84]. O mundo, entretanto, não estava preparado para essa maravilhosa descoberta, e muitas décadas se passaram até que a reabilitação do homem neandertalense realmente se realizasse.

Os velhos preconceitos começaram a dissipar-se em 1955, quando vários cientistas novamente sugeriram que a postura inclinada descrita por Boule deveria estar equivocada. A maior reviravolta, entretanto, surgiu em 1957 quando dois anatomistas, William Straus, da *The Johns Hopkins University*, e A. J. E. Cae, do *St Bartholomew's Hospital Medical College* de Londres, procederam a um exame mais minucioso do fóssil de La Chapelle-aux-Saints que tinha provido a base para as suposições de Boule. Supunha-se que o fóssil fosse típico. Entretanto, Straus e Cave descobriram que esse neandertalense particular havia sofrido de um severo caso de artrite que chegou a afetar a estrutura de suas vértebras e da mandíbula. Boule, como um competente antropólogo, deveria ter detectado deformação das juntas ósseas que indicavam a doença.

Straus e Cave focalizaram muitos outros erros inexplicáveis, cometidos na reconstrução feita por Boule. O pé do neandertalense, por exemplo, definitivamente não era um "órgão preênsil" como Boule havia dito. As vértebras do pescoço não se assemelhavam às do chimpanzé, nem a pelve se configurava como simiesca, como alegado por ele. Boule erroneamente havia disposto os ossos dos pés de tal forma que o polegar se separas-

se dos demais dedos como um dedo em oposição aos demais. Essa foi a fonte da falsa crença de que os neandertalenses tinham de andar sobre a parte externa dos pés, como os símios.

A interpretação que Boule fez da articulação do joelho, da qual resultaria o assim chamado passo fletido, também não estava correta. Em todos os respeitos a postura da reconstrução feita por Boule não estava correta. Em tudo e por tudo Straus e Cave acharam o neandertalense de fato bastante humano. Se porventura ele estivesse no metrô de Nova York, seria duvidoso que chegasse a atrair mais atenção do que alguns cidadãos imigrados.

Hoje o homem neandertalense é considerado oficialmente como *Homo sapiens neandertalensis*, em contraposição ao *Homo sapiens sapiens*. Essa classificação indica a existência de algumas características distintivas, porém integra-se ele indubitavelmente na grande população humana [85].

Vários autores visivelmente constrangidos, nem bem recuperados do fatídico caso de Piltdown, passaram a ser pressionados a explicar como puderam ser envolvidos no caso de Neandertal. Como ilustraremos, a saída predileta é culpar Boule, "a mais destacada autoridade no campo dos fósseis no início do século vinte". Este é o homem a respeito de quem Teilhard de Chardin, seu apreciado discípulo, gostava de dizer: "Se vocês não me acreditam, leiam o Mestre!" Outros autores incrivelmente acobertam Boule e culpam o público, como por exemplo Brace, citado a seguir.

Broderick (1964) condena a Boule pela reconstrução que induziu outra centena de reconstruções ridículas, todas elas sem dúvida recobertas de uma espessa camada de pelos [86].

Brace tenta transferir igual parcela de culpa ao "público iludido" que, conforme afirma, revestiu os neandertalenses de um couro peludo e compridos braços simiescos. Entretanto, Brace declara que Boule teria errado ao criar primeiro uma caricatura, para depois usá-la para proclamar que aquilo não poderia ter sido o ancestral do homem moderno [87].

Em respeito ao homem que a havia induzido em erro nas várias edições anteriores, a Enciclopédia Britânica em sua edição de 1967 não menciona o nome de Boule: "A concepção popular de que essas pessoas apresentavam uma postura arcada e andavam com um passo arrastado e joelhos fletidos parece ter resultado em grande parte de reconstrução mal feita da base do crânio e à incorreta interpretação de certas características dos ossos dos membros de um dos esqueletos neandertalenses descobertos no início do século vinte" [88].

Dificilmente poder-se-ia ter sido mais polido. Entretanto, essa manifestação pouco recomenda os setenta anos de intenso trabalho no campo da Paleontologia humana.

Na sua edição de 1970 a Enciclopédia Britânica dá um passo gigantesco no sentido da interpretação do homem de Neandertal e outros homens antigos. Ao falar dos numerosos fósseis do *Homo sapiens* encontrados em todos os grandes continentes, é ressaltado que o intervalo da variabilidade por eles mostrado de forma alguma é maior do que o intervalo conhecido para as raças vivas do homem moderno. Essa declaração fez muito mais do que na realidade pretendia, já que seu autor é adepto firme da evolução [89].

É quase inédito um autor que escreva sobre fósseis humanos mencionar algo sobre a variabilidade humana – a espécie de variabilidade que podemos ver entre qualquer grupo de pessoas hoje. O normal na Paleontologia humana é estabelecer alguma espécie de homem moderno hipotético e indefinido, e então mostrar como os ossos fósseis em discussão afastam-se dos do homem moderno. E independentemente de qualquer argumentação, acaba-se tendo o caso como comprovado, já que sempre algo será mais fino ou mais grosso, mais curto ou mais comprido, mais alto ou mais baixo, mais pronunciado ou menos pronunciado, mais avançado ou menos avançado, mais completo ou menos completo!

Colbert, por exemplo, afirmava que todos os homens posteriores eram avançados com relação aos seus predecessores neandertalóides mais primitivos. E o que tornaria o homem moderno mais "avançado"? A postura do homem moderno é perfeitamente ereta. Ainda mais, o homem moderno apresenta testa alta, calota craniana alta, cavalete nasal alto, e queixo pronunciado [90]. A noção a respeito da postura sem dúvida resulta da errônea reconstrução feita por Boule.

Nenhuma das demais características mencionadas tem absolutamente nada com ser ou não mais avançado. Todas constituem variações normais encontradas em uma dada espécie.

Em 1971 a revista "Time" reabilitou o homem de Neandertal. Seu primitivismo ficou injustificado. Sua imagem simiesca devia-se grandemente a uma reconstrução feita no início do século pelo paleontólogo francês Pierre Boule. Entretanto, como disse um antropólogo de Harvard, "pode-se imprimir ao crânio de um neandertalense os traços do chimpanzé ou o rosto de um filósofo" [91]. Evidentemente Boule somente cometeu um pequeno erro, embora com honestidade.

A edição de 1966 da "World Book Enciclopaedia" oferece um magnífico exemplo do desconhecimento da mão esquerda pela direita. Lemos que no início os cientistas pensavam que o neandertalense fosse uma criatura acocorada, recurvada, embrutecida, algo simiesca. Porém, mais tarde "pesquisas" demonstraram que os corpos dos homens e mulheres neandertalenses eram completamente humanos, perfeitamente eretos, e bastante musculosos. Isso não corresponde exatamente à verdade, pois informações corretas sobre os neandertalenses tinham estado a circular por mais de um século. Sob outro verbete essa Enciclopédia apresenta o quadro de uma família neandertalense cujos membros somente poderiam ser descritos como acocorados, recurvados, embrutecidos e algo simiescos! [92]

Em raríssimas ocasiões pode-se encontrar uma avaliação verdadeiramente honesta de toda essa questão. Pfeiffer observou em 1969 que a reconstrução feita com base nos restos encontrados em La Chapelle constituiu "um dos mais interessantes fenômenos da história dos esforços humanos para degradar seus ancestrais" [93]. Isso parece exprimir o suficiente!

VI. A Questão Da Sucessão

Grandes porções de energia mental foram despendidas com o problema da sequência do homem neandertalense. Durante décadas foi suposto e ensinado que o primitivo homem neandertalense fosse alguma espécie de ramificação sub-humana que tivesse se tornado extinta posteriormente. Muitas conjecturas foram apresentadas a favor de um ou do outro ponto de vista. Como ambos os pontos de vista mantinham sua respeitabilidade nos melhores círculos, os argumentos não se tornaram particularmente candentes. Entretanto, não deixaram de surgir complicações.

Em 1947 cientistas descobriram dois crânios de tipo moderno em camadas inferiores às que continham utensílios do homem neandertalense. Como os crânios estavam separados dos utensílios por uma camada de calcário, não poderiam ter sido deslocados, e portanto os restos de tipo moderno eram mais antigos [94]. Não fora a camada de calcário, todas as espécies de explicações poderiam ter sido dadas para o material estar fora da sequência adequada.

No ano seguinte Jacob Gruber exigiu um reexame do lugar ocupado pelo homem neandertalense na evolução humana. Estava claro que tinham sido descobertos restos de *Homo sapiens* que haviam vivido antes do homem neandertalense, tal descoberta tendo sido devidamente comprovada [95].

Não há necessidade de dizer o dano que tal descoberta causou para uma enorme quantidade de escritos sobre o homem primitivo.

Na década seguinte, Weiner juntou-se a outras autoridades para reconhecer que o homem moderno plenamente desenvolvido foi um predador do homem neandertalense. O neandertalense não poderia ter sido ancestral do homem moderno [96].

Ao mesmo tempo Weckler resumiu um século de estudos e especulações sobre o homem neandertalense. O neandertalense é considerado como ainda talvez o mais intrigante enigma relacionado com o homem antigo. De qualquer forma, a história agora tinha de reconhecer que o homem moderno e o neandertalense vagueavam juntos há cerca de 100.000 anos. O fato não palatável era que o crânio do homem de Fontechevade, descoberto em 1947, parecia ser integralmente de *Homo sapiens*, embora fosse datado de mais de 150.000 anos, bem antes do que se supõe ter sido a época em que o homem neandertalense supostamente teria surgido [97].

Já em 1964 Brodrich afirmava que os neandertalenses haviam desaparecido há cerca de 45.000 anos, muito embora o *Homo sa-*

piens não tivesse aparecido até cerca de 12.000 anos depois. Se levarmos a sério esse notável ponto de vista, o homem moderno teria de efetuar um trabalho muito rápido, evoluindo de alguma espécie de vida inespecífica no decorrer de uns poucos 12.000 anos [98].

William G. Pollard, escreveu na revista "Cresset", que nossa espécie, o "Homo sapiens", entrou explosivamente no palco da história, ao longo do mundo todo, somente há 35.000 anos, à medida que o gelo se retirava da Europa após a última idade glacial. É-se tentado a perguntar se ele não teria sido disparado por alguma arma de fogo! Antes, porém, continua Pollard, existiram os neandertaloides (esse é um termo ambíguo que às vezes significa supostos ancestrais do Neandertal, e às vezes criaturas que viveram depois do homem neandertalense mas que foram predadoras do homem moderno, incluindo às vezes também o próprio homem neandertalense). Os neandertaloides precederam o homem moderno por cerca de 80.000 anos. Embora usassem o fogo e implementos de sílex, e sepultassem seus mortos, "realmente não seriam considerados humanos se fossem encontrados hoje" [99].

Com notável originalidade Brace resolve todo o dilema, desconfiando de uma conspiração contra o homem neandertalense. Antropólogos britânicos pouco imparciais, devido à sua prolongada falta de entusiasmo para enfrentar a possibilidade de que o homem possa ter tido um ancestral neandertalense, mostravam-se profundamente ansiosos por descobrir evidências de formas modernas em um nível cronológico inferior ao que tem sido atribuído aos neandertalenses. Em consequência, características modernas eram enfatizadas sempre que possível, e no caso dos restos de esqueleto encontrados em Swanscombe, com a falta das partes faciais mais importantes, as opiniões sobre o seu *status* poderiam ser avançadas sem muito risco de se defrontarem com objeções sólidas provindas de quaisquer setores. Por omissão, então, Swanscombe foi considerado como moderno, a partir de então. Brace não aceita também que os achados de Fontechevade ou Steinheim correspondam ao homem moderno. Conclui ele que pessoas frustradas estejam simplesmente tentando "provar" que o homem neandertalense não poderia ter sido ancestral do homem moderno [100].

Uma opinião popular mantida de há muito é que o homem Cro-Magnon causou a extinção do neandertalense. Quais são as evidências? De acordo com Constable, estratos encontrados em cavernas às vezes indicam o seguinte: camadas neandertalenses gradualmente passando a camadas estéreis, seguindo-se de camadas Cro-Magnon. Ele observa, entretanto, que existem muitas exceções. Frequentemente não se manifesta qualquer hiato entre as duas culturas, e não se pode realmente mostrar que uma das culturas desapareceu e foi substituída pela outra. Frustração à parte, Constable é levado a sugerir que talvez os neandertalenses realmente evoluíram na direção dos Cro-Magnon [101].

Recentemente, em 1974, Claiborne ilustrou a duplicidade de tratamento relativa ao homem neandertalense. A despeito de diferenças raciais existentes entre homens quanto a cor e características anatômicas, ficamos restringidos a uma só espécie humana. Não obstante, diferenças muito menores do que essa, existentes em grupos de animais, são facilmente aceitas, sem discussão, como caracterizando espécies diferentes. Claiborne enfatiza como o homem neandertalense era diferente do homem moderno, o que não deixa de constituir uma posição curiosa e preconceituosa. Realmente, que cor e que características físicas e faciais constituem o chamado homem moderno? Há uma estranha persistência não-científica no relacionamento do formato do crânio com a inteligência e a sofisticação, embora essa concepção, ligada à frenologia, tenha caído em descrédito no século dezenove, exceto em alguns poucos círculos de especialistas em Paleontologia humana.

Em um estranho levantamento histórico, Claiborne observa que a teoria da evolução durante muito tempo havia sido atacada com base na ausência de um elo de ligação entre o homem e o macaco. Ele deixa de fazer menção ao fato de que durante gerações o homem neandertalense foi proclamado alto e bom som como sendo exatamente esse elo. Agora que o homem neandertalense relutantemente integrou-se de forma plena à raça humana, Claiborne se desloca subrepticiamente para a descoberta dos australopitecíneos feita nas décadas de 1920 e 1930, como resolvendo

a questão do elo perdido. Para aqueles que ainda não se deixaram impressionar, Claiborne dispara seu último tiro: o registro detalhado da transição do cavalo no intervalo de 50 milhões de anos! [102]

De ambos os lados, porém, voltamos à posição inicial. De acordo com o Dr. Charles E. Oxnard, antropólogo da Universidade de Chicago, o elo perdido continua perdido. Os australopitecíneos não são ancestrais do homem [103]. E, de acordo com George Gaylord Simpson, a transição do cavalo, tão nitidamente desenhada e divulgada amplamente, jamais ocorreu [104].

Le Gros Clark toma interessante posição a respeito da questão neandertalense desde 1957. Certo de que o homem moderno precedeu o neandertalense e supondo que este não fosse ancestral do *Homo sapiens*, indaga se as características aparentemente primitivas não teriam resultado de uma involução a partir de tipos ainda anteriores que não aparentam ser distintos do *Homo sapiens*, ou homem moderno [105]. Adota ele, desta forma, a "perigosa" opinião de que a evolução poderia deslocar-se no sentido das formas superiores para as inferiores. Evidentemente, Le Gros Clark não se apercebeu das consequências devastadoras de tal opinião sobre a teoria da evolução. A possibilidade de um processo degenerativo dentro da teoria da evolução é vivamente censurada por Loren Eiseley [106]. Lubenow mostra por que. Se ocorrem reversões na evolução, então a estratigrafia é inteiramente vã. A teoria da evolução não poderia superar essa dificuldade. A lei da irreversibilidade foi formulada por Dollo em 1893, e sustenta que um organismo não é capaz de retornar, mesmo parcialmente, a um estágio prévio já assumido pelas suas linhas ancestrais. Não obstante, Lubenow documenta grande número de tais reversões impossíveis [107]. Parece claro que a lei de Dollo não descreve o mundo real.

Todas as vezes que se deixa de lado a questão do Q.I. dos neandertalenses, logo em seguida surgem outras considerações para trazê-la à baila novamente. Muitas autoridades hoje admitem a possibilidade de que o homem neandertalense possa ser ancestral direto do homem moderno. Primeiro, o *Homo sapiens* teria evoluído na direção do homem neandertalense; agora, o homem neandertalense teria involuído na direção do homem moderno!

VII. Poderia o Homem Neandertalense Ter Sido "Recente"?

Como consta dos livros-texto, o último dos neandertalenses desapareceu há cerca de 45.000 anos, quando o mundo ainda estava cheio de muitos mamíferos hoje extintos. A descoberta feita em Teshik-Tash, montanha rochosa situada a 1.500 metros acima de um vale na República do Uzbekistão, é suficiente por si só para fazer um antropólogo desistir de sua profissão. Nesse local foram descobertos, em uma gruta com cerca de vinte metros de largura, muitos artefatos tipicamente neandertalenses. Aí também uma criança neandertalense havia sido sepultada, circundada por pares de chifres de cabras monteses da Sibéria, à guisa de ornamento ritual. O problema é que os ossos dos animais encontrados eram todos incoerentes, pois pertenciam à fauna moderna (como javalis, cabras monteses, cavalo, leopardo, marmota e outros) e não se descobriu sequer vestígio de mastodontes ou tigres dente-de-sabre [108]. Compreensivelmente poder-se-ia relutar em crer que nesse lugar neandertalenses continuassem a viver calmamente até os tempos modernos, não fora saber que tivessem já sido extintos. Novamente se depara com a cronologia convencional deixando muito a desejar.

Às vezes torna-se muito difícil considerar a extinção da raça neandertalense há muitos milhares de anos no passado. Custance cita um exemplo na França, em que os restos neandertalenses poderiam ser datados com a idade de não mais de 20.000 anos. Descobriu-se então que troncos de bétula lançavam suas raízes e estendiam-se através de 3.000 anos de sedimentos naquele local. Em seguida foram descobertos também nos sedimentos restos de origem romana que indicaram que os sedimentos todos não poderiam ter mais de 3.000 anos [109].

Durante certo tempo era moda descobrir restos neandertalenses quase em toda a parte. Em 1891, foi descoberto um crânio neandertalense clássico em um "mound" em Floyd, Iowa [110]. Esse crânio, entretanto, não poderia ultrapassar no máximo 2.000 anos, embora os eruditos tivessem decretado que o último neandertalense havia expirado há muitos milhares de anos an-

tes. A descoberta teve então de ser desprezada ou relatada como caso de identidade incorreta.

Em 1906 Robert Gilder escavou esqueletos em um "mound" artificial situado em Long's Hill, a cerca de dezesseis quilômetros ao norte de Omaha, Nebraska. Causou preocupação o fato de os ossos estarem a cerca de um metro abaixo de solo virgem do tipo *loess*. Embora não se conheça muito a respeito de sedimentos do tipo *loess*, são eles datados usualmente em torno de 6.000 a.C. Foi dito também que os esqueletos apresentavam características bastante primitivas. Durante certo tempo o achado foi denominado de "Homem do *Loess* de Nebraska". Essa descoberta foi estudada por Alex Hrdlicka, do Museu Norte Americano, que questionou então tanto a geologia (isto é o *loess*) quanto a antiguidade dos crânios.

É de grande interesse atentar para a sua argumentação. Considerou ele as características do homem neandertalense tais como os espessos ossos cranianos, destacadas arcadas superciliares, testas baixas e inclinadas, e afirmou não constituírem elas evidências de antiguidade, pois as mesmas características eram comumente encontradas entre os índios do período histórico [111].

Somos levados então à conclusão absurda de que acentuadas arcadas superciliares indicam grande idade se o crânio fosse encontrado em terreno neandertalense, embora o mesmo crânio fosse bastante recente se descoberto na América, por se supor que aí não são encontrados restos neandertalenses.

Uma tribo de aborígenes da Austrália, os Arunta, chamou a atenção, há algumas décadas, pela sua aparência física. São eles destacados pelos seus excelentes dentes, que por sua vez apresentam tamanho avantajado. Alguns dos membros da tribo têm molares extras que algumas autoridades julgam constituir um elo de ligação com os chamados tipos humanos primitivos. O evolucionista Thomas Huxley foi o primeiro a chamar a atenção para a semelhança do crânio desses aborígenes com o homem neandertalense pré-histórico [112]. Mais recentemente Brace (1967) observou que o formato da face desses aborígenes é notavelmente semelhante ao dos neandertaloides do Monte Carmelo [113]. Como já observado alhures, entretanto, outras autoridades haviam decretado que o homem neandertalense jamais havia atingido a Austrália.

As seguintes são interessantes lições sobre a variabilidade humana. Em 1930 o Professor F. C. Hansen, de Copenhague, recebeu ossos humanos provenientes de um cemitério do século doze situado em Gardar, na Groenlândia. A mandíbula inferior e grande parte do crânio apresentavam-se mais simiescas do que o crânio da Rodésia, e muito parecidos com o crânio de Java e de Pequim. Em 1930 foi também exumado na Austrália o corpo de um criminoso que havia sido executado em 1892. Os ossos apresentavam características antropoido-simiescas bastante notáveis, embora fosse ele um homem moderno completamente [114]. Brodrich refere-se também ao encontro realizado na Groenlândia, mas data o crânio como sendo do século onze, e a descoberta, de 1927. Hansen observou que, se o crânio tivesse sido descoberto em um contexto cultural mousteriano, em outra parte do mundo mais adequada, provavelmente teria sido aceito como um neandertaloide. Foi observado, em seguida, que uma disfunção da glândula pituitária produziria ou gigantismo, ou crescimento anormal de certas partes do corpo, como o crânio, por exemplo, ou ainda ambos os resultados [115].

Foi observado no Marrocos um homem neandertalense "clássico", há alguns anos, o qual foi fotografado para mostrar que possuía todas as características físicas atribuídas ao homem neandertalense.

Em 1968 Otto R. Reiss, editor de "Art and Archaeology", sem dúvida perdeu alguns assinantes ao dizer sim à possibilidade de terem os mitos gregos retido a memória de acontecimentos verificados há milhares de anos, como por exemplo contatos ou batalhas entre Cro-Magnons e Neandertalenses, na Grécia. Reiss apresenta então três candidatos ao papel de homem neandertalense ou outro homem primitivo, na mitologia grega.

Um deles são os cércops. Em um alto relevo são eles mostrados como prisioneiros de Héracles. Eram descritos como espécie simiesca, embora capazes de falar. No alto relevo aparecem como completamente humanos.

Um segundo candidato seria o centauro, fabuloso ser meio-homem e meio-cavalo. Em um alto relevo que mostra Héracles

matando um centauro, tem-se que prestar bastante atenção para verificar que a figura não é somente um homem de busto encorpado, com pernas bastante curtas. A tradição grega afirma que os centauros lutavam armados com grossos troncos de árvores. Este centauro segura uma pedra, mas em outra restauração posterior um centauro empunha um tronco de árvore. Os centauros eram tidos como criaturas da natureza, que comiam carne crua e apreciavam carne de rãs, cobras e cachorros. Tinham medo de fogo. Os lápitas travaram uma batalha com os centauros e expulsaram-nos de sua morada no Monte Pélion. Até hoje camponeses supersticiosos temem os "calicantzaros" (palavra que parece ecoar o nome dos centauros), uma misteriosa aparição que assombra a zona rural durante a noite, perpetrando todas as espécies de diabruras.

O terceiro candidato são os gigantes da mitologia grega, poderosas criaturas com robustos troncos, que não podiam ficar em pé porque suas pernas, supostamente feitas de serpentes encaracoladas, não conseguiam sustentá-los. Conta-se que os gigantes se levantaram contra os deuses gregos. Em uma terrível batalha os gigantes foram então por eles aniquilados. Reiss especula que tal batalha poderia ter tido lugar no vale Louros, no norte da Grécia. Lá, em um abrigo na rocha, artefatos típicos do homem neandertalense são sucedidos por restos do Paleolítico Superior e em seguida por cacos de cerâmica. Alguns consideram este como o local da mais antiga habitação humana encontrada na Europa.

Reiss pondera que possivelmente algumas das aparições do Velho Mundo, como os *trolls*, os *kobolds*, os *calicantzaros*, e outros que se moviam furtivamente nas florestas, bem como os demônios contra os quais as pessoas de noite trancavam suas portas e janelas, não eram invenções supersticiosas, mas sim manifestações desesperadas e famintas de uma espécie quase extinta [117].

Em uma fonte que não consigo identificar, vi a fotografia de uma cabeça esculpida de um homem neandertalense. O que a tornava tão inusitada era o fato de ter sido escavada em um antigo sítio micênico grego [118]. Ousaria alguém dizer que houve contatos reais entre os dois povos? A possibilidade parece inconcebível.

Alguns relatos surpreendentes provieram em anos recentes do Ceilão, a respeito de algumas criaturas aparentemente relacionadas com o homem neandertalense que se diz terem sido exterminadas pelo povo dominante da região, os Vaddas, em época tão recente quanto o início do século dezenove. Esses relatos foram transcritos da tradição oral. As criaturas eram uma raça peluda, andavam nuas, possuíam braços curtos e potentes, e as mãos dispunham de fortes unhas semelhantes a garras. Não conheciam o uso do fogo e suas únicas armas eram pedras e suas garras com as quais estraçalhavam e desentranhavam suas presas ou inimigos. As criaturas chamadas de *nittavos* (provavelmente significando "povo com garras") viviam em bandos de dez a trinta, e moravam em grutas ou frestas rochosas, ou em árvores, em plataformas recobertas com folhas. Sua linguagem assemelhava-se ao chilrear dos pássaros. Seu alimento principal consistia da carne de veados, lebres, esquilos, iguanas e tartarugas. Foi encontrada na área uma arcada superciliar fóssil humana aparentando características neandertaloides, presumivelmente proveniente de um *nittavo* antigo, embora não se tenha condições de verificar essa proveniência. No início do século dezenove os Vaddas introduziram o último grupo de *nittavos* sobreviventes em uma caverna no distrito de Lenama, e sufocaram-nos mantendo acesa por três dias uma fogueira na boca da caverna [119].

Outro possível elo de ligação entre o passado e o presente é relatado por Constable. Em uma tarde de abril no ano de 1907, uma caravana conduzida pelo explorador russo Porshnyev Baradiin acampou-se no deserto da Ásia Central. Era um local descampado, de rocha e areia, ermo e vazio. De repente um membro divisou contra o sol poente a silhueta de uma figura robusta e recurvada parecendo um misto de homem e macaco. Essa figura animalesca, peluda, encarou-o fixamente e depois voltou-se e desapareceu. Sem dúvida a história é exagerada, e o autor conclui que o relato não faz sentido, especialmente devido ao fato de se supor que o neandertalense tenha desaparecido há muitos milhares de anos [120].

A palavra "documentado" parece atingir de novo um baixo *status* com o seguinte relato "documentado" feito por Boris Por-

shnev, na Rússia. Uma jovem, de características neandertalenses pronunciadas foi capturada por caçadores perto da cidade Ochamchire, no Mar Negro. Ela se tornou então propriedade de uma família que tinha por sobrenome Genaba, e morreu no fim dos anos 1800. Inicialmente ela foi guardada confinada, mas depois lhe foi concedido mover-se livremente. Ela não conseguia falar, mas produzia sons que demonstravam intentos rudimentares. No entanto, ela podia entender e obedecer ordens. Realizava tarefas simples e tinha imensa força física. Por exemplo, podia facilmente correr mais do que um cavalo, e podia nadar nas águas mais turbulentas. (Como os caçadores conseguiram capturar essa maravilha biológica, não sabemos). Foi descrita como alta, corpulenta, com pele escura recoberta de pelos vermelho-marrons. Seu rosto era largo com ossos do queixo proeminentes, nariz bastante achatado e olhos pequenos, que pareciam vermelhos quando vistos sob certa incidência de luz. Aparentemente nenhuma atração semelhante jamais foi vista naquela região, e os homens devem tê-la achado irresistível, pois se tornou mãe de numerosos filhos, de pais diversos. Pensa-se que seus primeiros filhos morreram porque ela os teria mergulhado nas águas geladas do rio para lavá-los. Depois de ter percebido que essa prática não era proveitosa, teve mais quatro filhos que sobreviveram. O mais jovem, Khvit, morreu em 1954 com a idade de 70 anos. Todos os quatro filhos eram considerados humanos e por sua vez tiveram filhos que hoje vivem na República de Abkhaz, no Cáucaso. A voz de Khvit era alta e capaz de imitar as vozes de animais; seus filhos foram descritos como levemente negroides [121].

VIII. Um Pouco de Recuo dos Eruditos e Mais Confusão

Hoje, cerca de 125 anos após a descoberta do homem de Neandertal, é interessante tentar classificar as espécies de coisas que foram ditas a respeito dessa tão difamada criatura. Podemos considerar um grande número de tais categorias.

Um leitor pouco avisado poderia pensar que a teoria do homem primitivo tivesse sido grandemente enfraquecida pelas recentes revelações sobre o homem neandertalense. O ser humano, entretanto, possui tenacidade e capacidade enormes para manter-se agarrado a um conceito errôneo.

(1) Alguns escritores continuam alegremente a considerar os neandertalenses da mesma forma, como se nada tivesse vindo à luz no último quarto de século

Revelam, de fato, não se terem preocupado com a atualização de sua leitura, ou então simplesmente desprezam os fatos relativos à questão.

Com toda a literatura recente sobre o assunto, é verdadeiramente impressionante observar a seguinte declaração feita por um cientista em um livro publicado em 1973, por uma editora universitária. A declaração é de que o primeiro homem "moderno", o homem Cro-Magnon, apareceu em cena há cerca de 50.000 ano. E ainda, se admitirmos o homem neandertalense como pertencente à raça humana, então nossa espécie (homem moderno) tem estado a existir no máximo durante 100.000 anos. Qualquer coisa anterior a esse tempo é classificada como criaturas muito pouco humanas, primitivas, que traçam sua origem a três milhões de anos, ou mais [122].

Quem não aceitar cegamente, sem evidências, aquilo que as autoridades declaram, lembrará aos evolucionistas que grandes quantidades de ossos foram descartadas no passado por não se encaixarem nas pressuposições feitas a respeito da evolução do homem. A evolução parece ser a única atividade científica na qual informações falsas são saudadas como "poderosa validação dos pontos de vista de Darwin sobre a evolução humana".

(2) Algumas alterações foram procedidas

De acordo com Pearce (1969), todas as mostras apresentadas em museus têm sido alteradas para mostrar que todos os restos de homens fósseis os revelam andando ereto, exceto na Rússia. Como disse Garlick, autoridade em fósseis humanos, "A origem do *Homo sapiens* é mais do que nunca um mistério!" [123]

(3) Existe muita confusão e ambiguidade

Em 1964 a ancestralidade do homem tornou-se suficientemente confusa para levar Brodricj a proclamar em palavras difíceis de refutar: "A evolução dos hominídeos, de fato, assemelha-se à da maioria das outras linhas de mamíferos, para

as quais possuímos suficientes evidências para julgar. Algumas formas desenvolveram-se em uma direção, outras em outra. Algumas formas não evoluíram tão rápido quanto outras. Assim, a árvore genealógica de nossa espécie é muito emaranhada e produz ramos projetados em todas as direções" [124].

A literatura sobre o homem neandertalense não tem sido lida cuidadosamente. O fato de que o homem neandertalense era completamente humano, completamente *Homo sapiens*, cria insuportável tensão com a crença fervorosa, apesar dos fatos, de que o homem neandertalense constituía alguma espécie de elo entre o homem moderno e uma forma de homem mais primitivo. Lemos hoje afirmações embaraçosas tais como esta: O *Homo sapiens* evoluiu na direção do verdadeiro neandertalense há cerca de 100.000 anos. Isso corresponde a dar a espantosa notícia de que o *Homo sapiens* evoluiu de *Homo sapiens* a *Homo sapiens*! Constable aceita que o *Homo sapiens*, ou homem moderno, existisse pelo menos há cerca de 200.000 anos antes de ter surgido o homem neandertalense. Os que escrevem sobre o assunto não sabem como terminar a história do homem neandertalense, e estão praticamente divididos em partes iguais, defendendo uns que os neandertalenses foram exterminados pelo *Homo sapiens* na forma de homem Cro-Magnon, e outros que os neandertalenses foram assimilados ao homem moderno. Isso significa que até mesmo o seu vizinho mais próximo pode ser portador de sangue neandertalense [125]. Outros afirmam ser desconhecido o destino do homem neandertalense. Robert Ardrey tentou defender duas posições diferentes sobre o assunto: primeiro, que o destino dos neandertalenses é desconhecido; em seguida, com igual certeza, que os Cro-Magnons exterminaram todos os neandertalenses [126].

(4) Alguns tendem a não mais se envolver com o assunto

Poirier pinta um interessante quadro do pesadelo que o neandertalense se tornou para o antropólogo. Os esqueletos simplesmente não estavam se adaptando à noção preconcebida de como o homem supostamente havia evoluído.

Poirier afirma que continuará a reinar confusão até que essa ampla gama de abundante material fóssil possa ser disposta de alguma forma ordenada, e delimitadas as fronteiras culturais, geográficas e temporais. Não ocorreu a ele que pudessem estar equivocados todos os dogmas e hipóteses sobre o suposto desenvolvimento evolutivo do homem.

Ainda mais, o aparecimento do que parece constituir formas "modernas" na Europa, realmente predando a população neandertalense europeia, levantou o espectro de reversões evolutivas (uma linha de pensamento bastante a contragosto), de linhas polifitélicas da evolução humana, etc.

A existência de uma população bastante variável, no Oriente Médio, e vivendo contemporaneamente com os neandertalenses europeus, complica o quadro. Muitas histórias de ficção sobre o homem neandertalense foram por água abaixo com essa descoberta.

Finalmente, aquilo que parecia ser o desaparecimento imediato dos neandertalenses na Europa Ocidental, com sua substituição pelas populações de Cro-Magnon (anatomicamente modernas) cheira a catastrofismo, processo afim ao dilúvio bíblico. Não é preciso dizer que tal posicionamento levava a um desfecho, para o antropólogo, muito pior que a própria morte [127]. Resumindo, já não é mais tão tranquilo ser um antropólogo nestes dias, como era nos velhos bons tempos de arrogância, em que os criacionistas estavam sob a mira.

(5) Alguns acham-se feridos e cansados, mas longe de perder a esperança

Se as partes duras do corpo não podem ser usadas para apoiar a evolução, a discussão se desloca para o domínio mais seguro das partes moles do corpo, que não têm sido preservadas.

Encontramos o assunto registrado no "Smithsonian" (1975) da seguinte forma: Por um pouco de tempo parecia que o homem neandertalense tinha sido reabilitado e se deslocava para mais perto do caudal principal da evolução humana, porém a situação permanece fluída ...".

O autor apresenta duas descobertas a favor de sua acariciada esperança. Primeiro, cita o cientista britânico que havia descoberto que os polegares do neandertalense se opõem aos outros de forma pouco perceptível.

A esse respeito pode-se comentar que é extraordinário terem-se

escoado mais de 125 anos antes que qualquer cientista atentasse para os polegares e descobrisse que eles se opõem aos outros dedos de forma pouco perceptível. Pode-se seguramente supor que esse cientista tenha estudado uma mão afetada por raquitismo, artrite e senilidade avançada. Voltando à reconstrução feita por Boule, observamos que ele não somente achou que os polegares do homem neandertalense opunham-se aos demais dedos da mão, como também procedeu ao rearranjo dos seus ossos dos dedos dos pés de forma a fazer seus polegares também opostos aos demais dedos, à semelhança da mão.

A segunda descoberta refere-se às cordas vocais do neandertalense. Em resumo, o homem neandertalense, mesmo que quisesse, não poderia falar, ao contrário dos chimpanzés, que poderiam se assim o desejassem. Há numerosas coisas a serem destacadas com relação a essa assim chamada descoberta. Invoca-se a presença de computadores para emprestar um ar de plausibilidade a todo esse ruído, muito embora os computadores tão somente respondam àquilo que neles já está programado. Esse estudo sobre as cordas vocais foi realizado com o esqueleto "clássico" descrito como imprensado e deformado pela osteoartrite e muitos sinais de senilidade avançada. Nenhuma corda vocal foi preservada em qualquer sepultamento neandertalense, e esse deslocamento dos estudos das partes duras para as partes moles do corpo, não preservadas, dificilmente poderá ser convincente [128].

Outro autor descobre uma nova forma de tornar o homem neandertalense inferior ao homem moderno.

Não é bom que o homem neandertalense parecesse ser bastante inteligente, e assim se manifesta esse autor: O homem neandertalense nunca chegou ao coração das florestas úmidas tropicais e provavelmente pouco penetrou nas espessas florestas setentrionais. Como sabemos isso? Não foram encontrados esqueletos seus nessas regiões! Ora, estas são evidências (?) dificilmente convincentes. Além disso, Constable está pronto a aceitar que era teoricamente possível os neandertalenses terem chegado até o Novo Mundo. De acordo com Constable, alguns deles teriam chegado até o sul da Sibéria. Em uma notável demonstração de lógica, aprendemos que os neandertalenses não chegaram até a América. Não só isso, mas também não conseguiram chegar à Austrália. O que concluir, então? Por essa e outras razões, não estavam eles à altura dos homens que os sucederam [129]. No entanto, o homem Cro-Magnon também não chegou até a América e à Austrália, embora estivesse à altura dos que o sucederam. Se o estereótipo do homem Neandertal vacila quanto ao seu acabamento físico, vemos que ele é tornado primitivo sem razão.

(6) Alguns voltam-se a uma explicação totalmente diferente para as características ósseas, curto-circuitando todo o esquema da evolução humana

Hawkes surpreende-se com o fato de ser tão grande o cérebro dos neandertalenses, e mais ainda com o fato de serem mais antigos os espécimes que apresentam características menos primitivas. Sua explicação para esses fatos é a seguinte. Aqueles que viveram em condições glaciais extremamente severas foram afetados fisicamente, de tal forma que se acentuaram as características primitivas tais como marcantes saliências superciliares e mandíbulas [130].

A esse respeito pode-se comentar que existem evidências esparsas de que as condições climáticas realmente afetam a aparência física. Admitir isso, entretanto seria desastroso para a teoria da evolução, que depende da demonstração de uma espécie de sequência do primitivo para o moderno. Se a aparência for uma questão mais climática do que de desenvolvimento evolutivo, não mais existirá meio de tentar estabelecer qualquer sequência.

(7) Alguns cientistas começam a mostrar significativos sinais de humildade

É interessante e ilustrativo ler e reler uma declaração de Weiner feita em 1958 sobre a origem do homem moderno:

"O acúmulo de material fóssil com relativa abundância ao longo dos últimos cinquenta anos revelou a total inadequação dessa simples sequência linear; a análise da filogenia (ou desenvolvimento evolutivo) do *Homo* (homem moderno) tem-se feito acompanhar de muitas dificuldades e inconsistências" [131].

(8) E, finalmente, alguns induzem a moral de toda essa infeliz história

Ao discutir a controvérsia sobre o neandertalense, Jacob Gruber (1948) fez o seguinte comentário:

"As oportunas respostas de Cuvier (catastrofista) e os dogmas religiosos científicos (isso aparentemente significando ciência poluída pela religião) em torno da busca das origens do homem estão quase esquecidos em face de nosso convencimento próprio. Contudo, é desconcertante descobrir cientistas, como Cuvier, Mayer e Virchow – todos tão igualmente dedicados aos métodos e objetivos da ciência moderna quanto qualquer cientista de hoje com seus intelectos aprisionados e sua imaginação acorrentada a hipóteses de sua própria lavra, hipóteses essas pretensamente baseadas em fatos e não influenciadas por considerações metafísicas. É desconcertante compreender que, da mesma forma como seus intelectos foram modelados e limitados pelos dogmas – frequentemente científicos – de seus dias, também o intelecto do investigador moderno possa ser moldado pelos juízos apriorísticos de sua época, hipóteses e supergeneralizações incomprovadas, resultantes tanto do ambiente não científico no qual estão vivendo e trabalhando, como às vezes das tradições não científicas por eles seguidas. Às vezes fica-se estupefato com o número de "cossacos mongolóides raquíticos" que existem nas controvérsias e conclusões, nos debates e deduções de nossos dias" (132).

E assim ficamos com a história do homem neandertalense, tribo de caçadores que perambulou por ampla área geográfica. Essas pessoas eram tão distintas do Homem Moderno quanto pessoas excêntricas que moram hoje em sua própria rua, ou ainda com pessoas mais excêntricas que cada manhã olham-se no espelho espantadas. Ninguém se surpreenderia mais do que eles com essa extravagante conversa fiada dos cientistas que se dispuseram a forjar uma teoria e impedir que qualquer fato inconveniente se interpusesse em seu caminho.

Referências

(1) AHD, p. 876
(2) POL, p. 552-553, EII: 19, p. 320-321
(3) EII: 19, p. 32, SCM: 67, 12/48, p. 437/438
(4) EII: 19, p. 321; CST, p. 27
(5) BRC, p. 21-22
(6) SCA, 12/57: HUY, p. 108, 131, BRO, p. 212; PEA, p. 42; CBO, p. 184; KLU, p. 62
(7) VAN, p. 44
(8) HUY, p. 108, 131
(9) BRC, p. 100
(10) CST, p. 17
(11) BRC, p. 22
(12) POI, p. 176
(13) CST, p. 19
(14) POI, p. 174
(15) CST, p. 27-28
(16) CST, p. 20-21
(17) SCM: 67, 12/48, p. 438
(18) BRC, p. 23-24
(19) CST, p. 20-21
(20) ESL, p. 277; THO, p. 63; CRS 9:4 3/73, p. 205
(21) CHL, p. 8, 33
(22) BRL, p. 82
(23) SCA, 12/57
(24) LEG, p. 157-165
(25) HLL, p. 530-531
(26) HUY, p. 108, 131
(27) CRE, May/June'66, p. 24ff
(28) CST, p. 23
(29) BRC, pp. 5-6
(30) K73, p. 2
(31) SMI, 11/73, 4:8, p. 10, 75
(32) NYT 4/25/71, p. 177
(33) HUN, p. 185
(34) VAN, p. 29-30
(35) SYR, p. 291
(36) VAN, p. 32
(37) HUN, p. 181
(38) SCA 6/74, 230:103
(39) CBO, p. 184
(40) BRC, p. 100
(41) SMI 11/73, 4:7, p. 10, 75
(42) GAR, p. 135-137
(43) CST, p. 55, 58
(44) POI, p. 169, 173; E11:4, p. 158, CST, p. 36
(45) VAN, p. 28-29
(46) CST, p. 108-109
(47) BRO, p. 218
(48) BRO, p. 218
(49) BRL, p. 105
(50) CST, p. 97-98
(51) TIM 6/21/68, p. 34
(52) DP 1/15/76, p. 78
(53) LEG, p. 178-179
(54) VAN, p. 31
(55) C74, p. 248
(56) CRS 3:4 3/67, p. 24
(57) PEA, p. 14
(58) BRC, p. 22
(59) BRC, p. 89
(60) CRE, May/June'66, p. 24ff
(61) WBE: 7, p. 25
(62) TER, p. 180
(63) BRL, p. 82, 101
(64) BRL, p. 227
(65) POI, p. 55
(66) ESL, p. 298
(67) LEG, p. 164-165
(68) HKS, p. 19
(69) CRS 13:3, 12/76, p. 168
(70) CRS 13:3, 12/76, p. 168
(71) SMI 5:69/74, p. 110-11
(72) BRO, p. 175
(73) HLL, p. 525
(74) CST, p. 7-8
(75) HKS, p. 19
(76) ESL, p. 277, 288-289

(77) CST, p. 9, 14
(78) SCM: 67, 12/48, p. 438; JVI:2, p. 72
(79) CST, p. 14-17
(80) BRO, p. 213
(81) BRC, p. 12-17
(82) POI, p. 176-177; NAT 227 (5258), p. 577-579
(83) BRO, p. 173, CST, p. 23-24, 101
(84) C33, p. 5-12
(85) CST, p. 19,27-28
(86) BRO, p. 173
(87) BRC, p. 22
(88) COP, p. 187
(89) E15 macro 11, p. 418-431
(90) TER, p. 182
(91) TIM 5/17/71, p. 75-76
(92) WBE in ANO, p. 88
(93) POI, p. 176
(94) CRS 3:4 3/67, p. 24
(95) SCM: 67 12/48, p. 436
(96) HLL, p. 524
(97) SCA 12/57
(98) BRO, p. 212
(99) CRE May/June'66, p. 24ff
(100) BRC, p. 84-87
(101) CST, p. 124
(102) CBO, p. 184-185
(103) SMI 5:9 12/74, p. 22
(104) SIM, p. 97
(105) C45, p. 44
(106) ESL, p. 299
(107) CRS 13:4 3/77, p. 185-190
(108) BRO, p. 203, 212
(109) C45, p. 19
(110) COR MÊS-001, 002
(111) UNN 10/75 55:11, p. 2
(112) WEY, p. 225-226
(113) BRC, p. 105
(114) JVI:67, p. 21
(115) BRO, p. 177
(116) K73, p. 5
(117) ART # 14 (1968) p. 2-5
(118) Source unknown
(119) ART # 14 (1968), p. 4-5
(120) CST, p. 123
(121) HUN, p. 105
(122) VIT, p. 8
(123) PEA, p. 14, 43
(124) BRO, p. 268
(125) CST, p. 39, 52
(126) TIM 3/15/76, p. 76
(127) POI, p. 166
(128) SMI, 11/73, 4:8, p. 10, 75
(129) CST, p. 55, 58
(130) HKS, p. 19
(131) HLL, p. 530-531
(132) SCM: 67, 12/48, p. 439

BIBLIOGRAFIA

AHD *The American Heritage Dictionary of the English Language.* New York: American Heritage Publishing Company, Inc., 1969.
ANO Anon. *Did Man Get Here by Evolution or by Creation?* Brooklyn: International Bible Students Association, 1967.
ART *Art and Archaeology Newsletter*
BRL Berrill, N. J. Man's Emerging Mind. New York: Fawcett World Library, 1955.
BRC Brace, C. Loring. *The Stages of Human Evolution.* Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1967.
BRO Brodrick, Alan Houghton. *Man and His Ancestry.* New York: Premier, 1964.
C74 Charroux, Robert. Masters of the World. Lowell Blair, Tr. New York: Berkley Medallion Book, 1974.
CHL Childe, Gordon. *What Happened in History.* Baltimore: Penguin, 1942.
CBO Claiborne, Robert. *God or Beast.* New York: Norton, 1974.
COL Colbert, Edwin H. *Evolution of the Vertebrates.* New York: Wiley, 1955.
CST Constable, George. *The Neanderthals.* New York: Wiley, Time-Life Books, 1073.
COP Coppedge, James F. *Evolution: Possible or Impossible?* Grand Rapids: Zondervan, 1973.
COR Corliss, William R. (Compiler). *Strange Artifacts.* Vol. M-1. Glen Arm. Md.: Author, 1974.
CRS *Creation Research Society Quarterly.*
CRE Cresset.
C33 Custance, Arthur C. *The Fallacy of Anthropological Reconstructions.* Doorway Paper # 33. Brockville, Ontario: Author, 1966.
C45 Custance, Arthur C. *Fossil Man and Genesis*, Doorway Paper # 45. Brockville, Ont.: Author, 1968.
DFP *Detroit Free Press.*
ESL Eiseley, Loren. *Darwin's Century.* Garden City, New York: Doubleday Anchor, 1958.
E11 *Encyclopedia Britannica*, 11th Edition, 1910-1911.
E15 *Encyclopedia Britannica*, 15th Edition, 1974.
GAR Gardner, Martin. *Fads and Fallacies in the Name of Science*. New York: Dover, 1957.1
HKS Hawkes, Jacquetta. *The Atlas of Early Man.* New York: St. Martin's Press, 1976.
HLL Howells, William. (Ed.) *Ideas on Human Evolution.* Selected Essays, 1949-1961. New York: Atheneum, 1962.
HUN Hunter, Don and Rene Dahinden. *Sasquatch.* New York: New American Library, 1973.
HUY Hurley, Patrick M. *How Old Is the Earth?* Garden City, New York: Doubleday, 1959.
JVI *Journal of the Transactions of the Victoria Institute.*
KLU Kluckhohn, Clyede. *Mirror for Man.* New York: Fawcett, 1944.
K 73 Kolosimo, Peer. *Timeless Earth.* New York: Bantam, 1973.
LEG Le Gros Clark, W. E. *History of the Primates.* Chicago: University of Chicago Press, 1957.
NAT *Nature.*
NYT *New York Times.*
PEA Pearce, E. K. Victor. *Who Was Adam?* Toronto: The Paternoster Press, 1969.

POI Poirier, Franc E. *Fossil Man.* St. Louis: Mosby, 1973.
POL Polack, W. G. *The Handbook to the Lutheran Hymnal.* 2nd ed. St. Louis: Concordia Publishing House, 1942.
SYR Science Year. *The World Book Science Annual* 1972. Chicago: Field Enterprises Education Corp., 1971.
SCA *Scientific American.*
SCM *Scientific Monthly.*
SIM Simpson, George Gaylord. *Life of the Past.* New York: Bantam, 1953.
SMI *Smithsonian.*
TER Ternes, Alan (Ed.), *Ants, Indians, and Little Dinosaurs.* New York: Charles Scribner's Sons, 1975.
THO Thomas, William L., Jr. (Ed.) *Yearbook of Anthropology-1955.* Vol. 1., New York?: Anthropological Research Inc., 1955.
TIM *Time.*
UNN University of Nebraska, Lincoln, *News: Museum Notes nº 54*, Vol. 55, nº 11, October 20, 1975.
VAN Van der Veer, M. H. and P. Moerman. *Hidden Worlds.* New Cork: Bantam, 1972.
VIT Vitaliano, Dorothy B. *Legends of the Earth.* Bloomington: Indiana University Press, 1973.
WEY Weyer, Edward, Jr. *Primitive Peoples Today.* New York: Doubleday Dolphin, 1961.
WBE *World Book Encyclopedia*, 1966.

O HOMEM NEANDERTALENSE

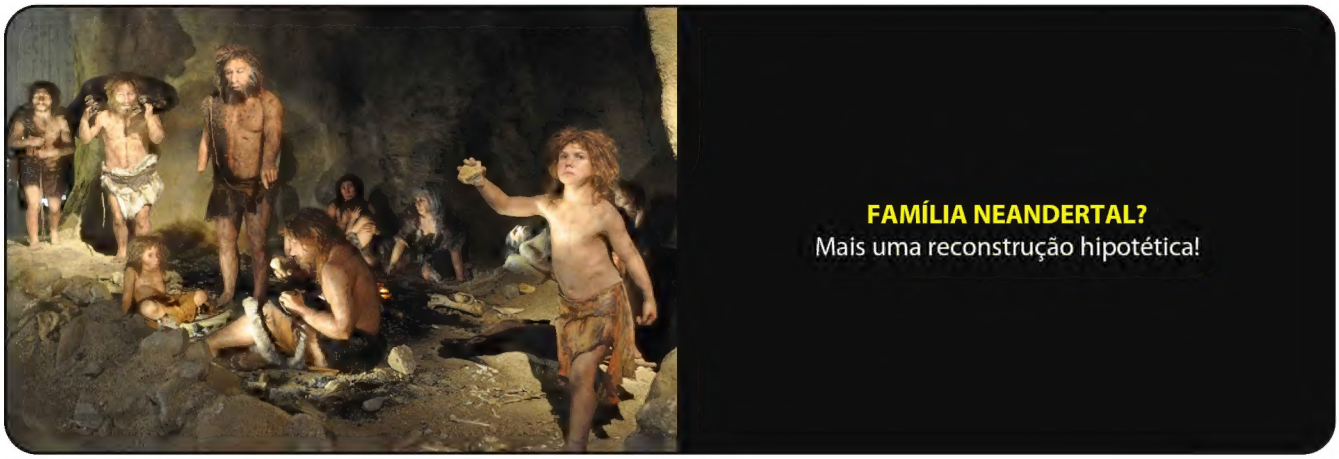
Nesta reedição da Folha Criacionista número 34, informamos a nossos leitores que sobre o Homem Neandertalense já haviam sido publicados numerosos artigos em outros números deste nosso periódico, dentre os quais destacamos os seguintes:

1. Os Ancestrais do homem, William Tinkle, Folha Criacionista número 2, pp. 25-34.
2. O Homem Fóssil – Ancestral ou Descendente de Adão?, R. Daniel Shaw, Folha Criacionista número 3.
3. Shanidar IV – Flores em Sepultura Neandertalense, *Science*, Folha Criacionista número 11.
4. O Homem Fóssil e o Conceito Criacionista, Harold W. Clark, Folha Criacionista número 13.
5. O Homem Fóssil à Luz do Relato Bíblico, Arthur C. Custance, Folha Criacionista número 15.
6. A Macroevolução Questionada, Roger W. Haines, Folha Criacionista número 16.
7. Breve História do Homem de Pequim, Pierre Leroy, Folha Criacionista número 20.

Uma lista atualizada, e que inclui artigos posteriores a este publicado na Folha Criacionista número 37, pode ser obtida acessando nosso "site" no tópico relativo a "Índice Temático da Folha Criacionsita", em "Ancestrais Humanos".

Copias dos artigos podem ser obtidas mediante solicitação a ser feita em nossa "Loja Virtual" no nosso "site", onde estão todas as instruções necessárias:

www.scb.org.br



FAMÍLIA NEANDERTAL?
Mais uma reconstrução hipotética!

Notícias

E mais

- O HOMEM DAS NEVES É REAL

O HOMEM DAS NEVES É REAL

Por interessante coincidência, após o término da tradução do artigo da "Creation Research Society Quartely" sobre o homem neandertalense, os editores da Folha Criacionista depararam-se com seguinte notícia publicada no prestigioso matutino paulista "O Estado de São Paulo" em 12 de Julho de 1987:

"No começo da década de 1920, nove ***yetis****, exemplares do "Abominável Homem das Neves", foram presos e cumpriram penas na República do Tadzhequistão, na Ásia Central Soviética. As autoridades locais acharam que eles não passavam de homens primitivos, que viviam uma existência de vagabundos nas montanhas da região e tinham perdido os menores traços da civilização devido à sua vida selvagem.*

Quem conta a história é o professor Mikhail Trazhtenberts, da Academia de Ciências da União Soviética, um dos cinco especialistas entrevistados pelo jornal *Komsomolskaya Pravda* para um artigo publicado ontem sobre os *yetis*. Os cinco especialistas concordam: O "Abominável Homem da Neves" existe, vive até hoje na Cordilheira do Pamir, na Ásia Central Soviética, e tudo indica que se trata de uma espécie pacífica e inofensiva.

Um dos últimos encontros com o "Abominável" ocorreu em 1983, nas margens de um lago do Tadzhequistão. Três homens viram uma sombra ao longe e, pensaram que fosse um urso. Mas ao fixarem os olhos, perceberam que era um Homem das Neves. Houve outro encontro, em 1986. Um *yeti* deixou que um grupo de viajantes se aproximasse a 200 metros e ficou parado vários minutos antes de se afastar.

O artigo tem outros relatos, inclusive o depoimento de um veterano caçador siberiano que garantiu, em 1917, que os Homens das Neves matavam pequenos animais e se alimentavam de carne crua. Como outros relatos, ele dizia que os *yetis* são extremamente tímidos e mais: têm uma sensibilidade especial que percebe a aproximação dos seres humanos, a tempo de se esconderem.

Dimitri Boisnov, diretor do Museu Darwin de Moscou, acha que, apesar de tudo, não existem ainda provas concretas da

existência do Homem das Neves, embora seu aparecimento não contrarie as leis da evolução. Para isso o professor Trazhtenberts tem uma resposta: uma expedição já pronta e preparada para sair a procura do *yeti* logo que surgir um sinal de sua presença em algum lugar.

Ciência desvenda mistério do Abominável Homem das Neves e do Pé Grande

03/07/2014 AFP /Agence France-Presse PARIS

Para aqueles que acreditam na existência do Pé Grande e do Yeti, também conhecido como Abominável Homem das Neves, a notícia pode ser desanimadora. Cientistas debruçaram-se sobre amostras de pelo que teriam sido deixadas para trás pelo Yeti e determinaram que, na verdade, os fios pertenciam a um urso ou uma cabra.

Um desapontamento similar espera aqueles que acreditam no Pé Grande, o correspondente norte-americano do Yeti, no Almasty das estepes da Ásia Central, e no Orang Pendek, um hominídeo bípede famoso por vagar nas florestas montanhosas de Sumatra. As evidências, reportadas no periódico britânico *Proceedings of the Royal Society* vieram de um teste de DNA em amostras de pelo atribuídas a "primatas anômalos", um termo neutro usado para estas criaturas lendárias.

A pesquisa inseriu a Biotecnologia no meio de um debate que dura há décadas. "De um lado, há vários registros, inclusive de testemunhas oculares e evidências de pegadas, que apontam para a existência de grandes primatas não identificados em muitas regiões do mundo", afirmaram os autores do estudo. "De outro, nem corpos, nem fósseis recentes destas criaturas nunca foram validados", acrescentaram. "A ciência moderna tem evitado amplamente este campo", prosseguiram. Teorias sobre visões de Yetis e similares variam de neandertais remanescentes e outros ramos menores da árvore genealógica humana, à espécie de um grande símio, o *Gigantopithecus*.

Cientistas, chefiados pelo professor de genética Bryan Skypes, da Universidade de Oxford, enviaram um pedido em maio de 2012 para museus e colecionadores individuais - inclusive o renomado montanhista Reinhold Messner - para o envio de amostras de pelo que supostamente tivessem provindo de "primatas anômalos". E receberam 30 amostras de pelos atribuídos a Yetis em estado bom o suficiente para permitir um sequenciamento genético.

Descobriu-se que uma das amostras vinha de uma cabra sul-asiática denominada *goral* ("Capricornis sumatraensis"). Outras duas - uma de Ladakh, na Índia, e a outra do Butão - revelaram um elo intrigante no DNA com o "Ursus maritimus", o urso polar. Os pelos provavelmente vieram de um descendente longínquo do urso polar ou de um cruzamento local com um urso pardo, sugeriram os cientistas. "Se estes ursos são amplamente distribuídos no Himalaia, eles podem muito bem ter contribuído para a fundamenção biológica do lendário Yeti, especialmente se, como relatado pelo caçador que atirou no espécime de Ladakh, eles se comportam de forma mais agressiva com relação aos humanos do que as espécies nativas de ursos", acrescentou.

Oito amostras atribuídas ao *Almasty* vieram do urso-pardo ("Ursus arctus") ou de vacas, cavalos e guaxinins. Uma única amostra, que se pensava ser de um *Orang Pendek*, foi rastreada e revelou ser de um tapir-malaio ("Tapirus indicus").

Descobriu-se que as 18 amostras de *Pé Grande* tinham uma ampla ligação com fontes do mundo real, variando do urso-negro americano, do guaxinim e da vaca a um porco-espinho, e inclusive um lobo, um coiote ou um cão. Talvez o grande desapontamento tenha sido um tufo atribuído ao *Pé Grande* no Texas, que revelou ser cabelo humano, de um europeu, a julgar pela análise genética.

Os autores desafiaram a "comunidade de criptozoologia" - aqueles que acreditam na existência de criaturas fabulosas e elusivas - a apresentar mais evidências convincentes a apoiar suas afirmações. "As técnicas descritas aqui puseram um fim a décadas de ambiguidades sobre identificação de espécies de amostras de primatas anômalos e estabeleceram um padrão rigoroso com o qual julgar quaisquer alegações futuras", concluíram.

MAPINGUARI
O "CRIPTÍDEO" AMAZÔNICO

Em um dos Boletins do Museu Paraense Emílio Goeldi foi publicado um interessante artigo de autoria do ornitólogo David Oren, que chegou a empreender expedições em busca de provas da existência real do "Criptídeo" denominado localmente "Mapinguari" ou "Isnashi" na região amazônica entre Brasil e Bolívia. Apesar de todos os seus esforços, não obteve, porém, nenhum resultado conclusivo.

Mas permanece a imagem de um ser de grande porte, talvez remanescente das supostamente extintas preguiças gigantes (megatérios).

David Oren

MEGATÉRIOS NO BRASIL

Também conhecida como megatério, que significa "grande mamífero", a preguiça gigante (*Eremotherium laourillardi*) era muito lenta e vivia em bando nas savanas e bordas das florestas, alimentando-se de folhas e brotos de árvores. Por medir até seis metros e pesar até cinco toneladas, esse animal não subia em árvores.

Duas preguiças gigantes e um tigre dente-de-sabre no Museu Nacional

Na exposição do Museu Nacional encontram-se dois esqueletos de espécies distintas de Preguiças Gigantes. O maior deles é composto por material ósseo descoberto próximo à cidade de Jacobina, no estado da Bahia, Brasil. A montagem deste exemplar foi realizada no inicio do século XX quando se acreditava existirem no território brasileiro preguiças gigantes apenas da espécie *Megatherium americanum*.

Em 1954, o Prof. Carlos de Paula Couto identificou os ossos fósseis originais deste esqueleto como pertencentes ao gênero *Eremotherium laurillardi*. Por este motivo, o exemplar em exposição é considerado um esqueleto compósito com material original de vários indivíduos atribuídos ao gênero *Eremotherium* e material replicado atribuído ao gênero *Megatherium*.

O outro esqueleto de Preguiça Gigante que pode ser visto no Museu Nacional é de um exemplar da espécie *Glossotherium robustum*, que no caso brasileiro ocorre somente no estado do Rio Grande do Sul. Os indivíduos deste grupo eram terrestres, alcançavam cerca de 3m de comprimento e seu peso variava em torno de 1,5 tonelada. Possuíam dentes que permitiam mastigar vegetais duros e ásperos, sendo assim herbívoros.

ISSN 1518-3696
9 771518 369002